

MEMÓRIA E HISTÓRIA: HELDER CAMARA NA PUC-RIO.

Aluno: Matheus Lima Targuêta.

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves.

Introdução

A PUC-Rio possui, desde seu momento de fundação, uma característica que tornou-se parte da identidade da Universidade, que conforma o que a comunidade acadêmica da Universidade denomina de Modelo PUC; a integração entre ensino e pesquisa. Suas políticas sempre tiveram como objetivo a excelência e a inovação no campo acadêmico, o que lhe garantiu, não somente no passado, mas até hoje, status de pioneirismo no Brasil no que diz respeito a atividades de pesquisa, quer na pós-graduação, quer na graduação.

Cientes de que zelar pela memória institucional é cuidar da identidade da Universidade e embasar projetos futuros, a Vice-Reitoria Acadêmica, por ocasião das comemorações de 40 anos de vários Projetos de Pós-Graduação no ano de 2006, criou o Núcleo de Memória da Pós-Graduação e da Pesquisa na PUC-Rio. À época, o projeto visava pesquisar, recolher, selecionar, sistematizar, cadastrar e publicar em seu endereço eletrônico os registros de memória da Universidade, especialmente aqueles ligados a pesquisa e que se encontravam nos acervos dos departamentos da instituição, ou até mesmo em acervos públicos ou particulares.

Essa profícua integração entre ensino e pesquisa manifestou-se de forma orgânica, necessária e direta na relação entre graduação e pós-graduação na Universidade, o que revelou, por exigência da própria identidade da PUC-Rio, a necessidade de o projeto ampliar seus objetivos e acrescentar outros àqueles originais. Em 2008 o Núcleo começa a tratar de outras atividades da Universidade, agora entendida em maior amplitude e complexidade, e torna-se o Núcleo de Memória da PUC-Rio.

O acervo do Núcleo de Memória, como consta em sua proposta, é descentralizado, dinâmico e plural, pois o que o caracteriza não é a posse de um acervo, mas sua localização, valorização e divulgação, ainda que ele possua um acervo digital e, em alguns casos, físico, formado por alguns documentos cedidos pelos seus donos; dinâmico, porque o acervo não somente pode, como deve ser trabalhado e ressignificado; plural, pois é formado por suportes de memória de naturezas distintas. Sendo assim, o Núcleo de Memória da PUC-Rio assume as características de um lugar de memória, na perspectiva que o historiador francês Pierre Nora fornece, ou seja, o triplo sentido de ser um lugar físico de construção de memória, um lugar que tem por função fazer memória, e um lugar simbólico da memória institucional da Universidade.

O Núcleo é reconhecido institucionalmente como lugar de memória, pois seus usos e serviços voltados à comunidade acadêmica servem de referencial para a PUC-Rio e para pesquisadores de outras instituições. Além das atividades usuais, o Núcleo é responsável por propostas relativas à memória institucional da universidade como um todo ou dos departamentos; por exemplo, a produção dos anuários da Universidade. Torna-se evidente que

o Núcleo possui relevância no processo de constituição da memória institucional, e presta serviço à Universidade como um todo, aos setores que a conformam, à comunidade acadêmica e ao público em geral que consulta e utiliza seu acervo.

O Núcleo de Memória da PUC-Rio é coordenado pela professora Margarida de Souza Neves e pela pesquisadora Silvia Ilg Byington. Também é integrado pelos pesquisadores Clóvis Gorgônio e Eduardo Gonçalves, o fotógrafo Antônio Albuquerque, e os bolsistas de iniciação científica Fabio Cano Gómez (a partir de fevereiro de 2014), Igor Valamiel Fialho (até fevereiro de 2014), Matheus Lima Targuêta, Namíbia Rodrigues, Thaís Lacerda Queiroz, Wendy Lafayette Stockler (até fevereiro de 2014), Yasmin Getirana (a partir de fevereiro de 2014) e a voluntária Flávia Borges (até dezembro de 2013).

Este Relatório Anual lista as atividades realizadas por esse bolsista no período compreendido de 07 de julho de 2013 até 20 de junho de 2014; dividindo-se em duas partes: a primeira, o relatório Técnico, de cunho descritivo, aponta e explica em breves palavras a produção e atividades do grupo e as contribuições individuais desse bolsista. A segunda parte consiste no Relatório Substantivo, isto é, apresenta um texto que consolida o trabalho deste bolsista até então.

1. Relatório Técnico

Atividades em equipe:

Por dizer respeito às atividades conjuntas da equipe, essa parte do Relatório foi escrita em conjunto pelos bolsistas de IC Matheus Lima Targuêta, Thaís Lacerda Queiroz e Namíbia Rodrigues. No período de 07 de julho de 2013 a 20 de junho de 2014 a equipe do Núcleo de Memória realizou as seguintes atividades:

Localização, registro e disponibilização de documentação escrita, iconográfica, filmográfica, sonora e tridimensional direta e indiretamente relacionada ao tema do projeto nos acervos da PUC-Rio ou em acervos públicos ou particulares;

01. Consulta a professores, pesquisadores, ex-alunos e funcionários administrativos para coleta e aferição de documentos e informações pesquisadas;

02. Identificação de fotografias coletadas e selecionadas para cadastro no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;

03. Catalogação e sistematização do material documental através de digitalização e cadastro em metadados no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio;

04. Realização de seminários de leitura internos com a participação dos componentes da equipe para discussão de textos teóricos sobre conceitos de Memória e Identidade. Esse ano, alguns dos seminários contaram com a presença da professora Tânia Dauster, do Departamento de Educação, José Inácio Parente, ex-professor do Departamento de Psicologia, Lucy Pina Neto, historiadora do Instituto Dom Helder Camara de Recife, de um aluno de pós-graduação em Letras e de alunos graduandos em História não bolsistas do Núcleo;

05. Realização de reuniões técnicas semanais com a participação do grupo de pesquisadores e bolsistas, tendo como principais objetivos elaborar projetos, sistematizar a agenda de tarefas, trocar experiências e sanar eventuais dúvidas sobre a rotina de trabalho;

06. Publicação do acervo através do website, além de realizar manutenção e atualização do mesmo;

07. Produção e edição de conteúdo, textos e imagens, para publicação no website do Núcleo de Memória da PUC-Rio;

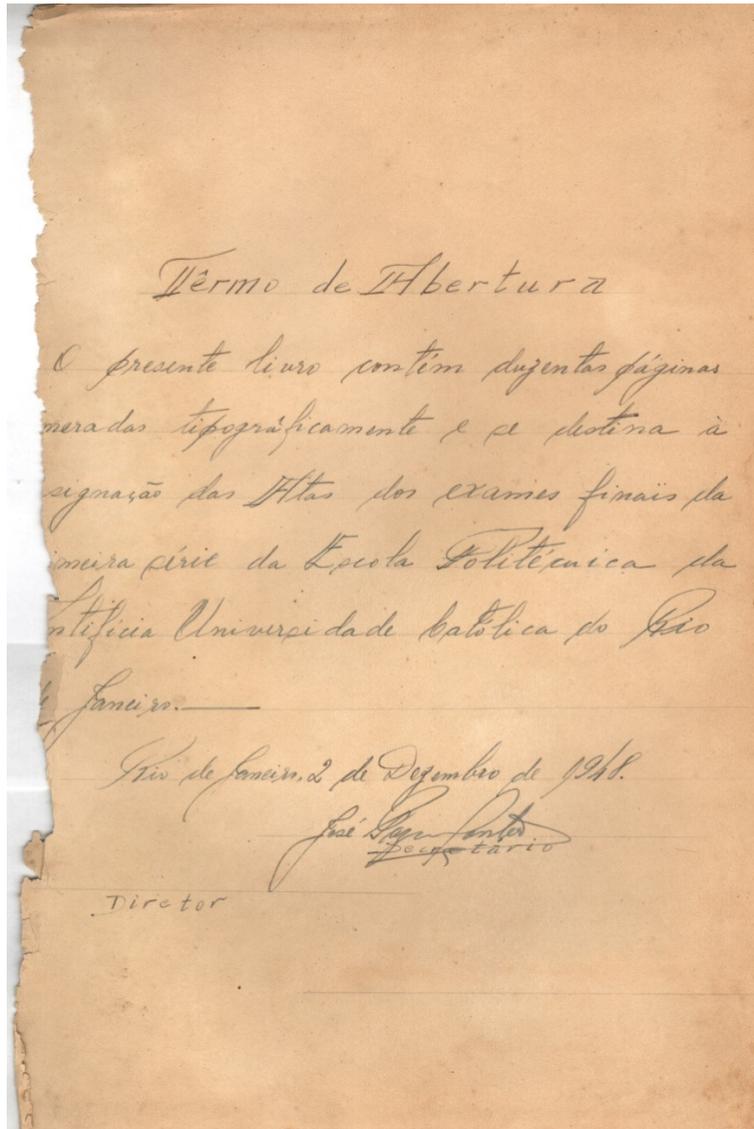
08. Produção do Anuário PUC-Rio 2013;
09. Produção das Crônicas de Memória, publicadas em todas as edições do Jornal da PUC;
10. Atendimento a solicitações relativas à pesquisa no acervo, cessão e autorização de uso de documentos e repostas a perguntas sobre temas abordados. As consultas, internas e externas à Universidade são respondidas diretamente pela equipe ou encaminhadas aos setores responsáveis;
11. Cópias em mídia digital dos documentos solicitados pelos diversos setores da Universidade e externos a ela;
12. Proposta de uma nova arrumação para os objetos relativos à história da PUC-Rio conservados em vitrines na Reitoria, e execução parcial de tal proposta;
13. Outras atividades:
 - 13.1 Organização e realização de uma exposição na Divisão de Bibliotecas e Documentação em homenagem ao professor Junito Brandão com documentos analisados, selecionados e dispostos pelo Núcleo de Memória.
 - 13.2 Visita à exposição “Tempos de chumbo, tempos de bossa os anos 1960 pelas lentes de Evandro Teixeira” no Centro Cultural Justiça Federal, em cartaz de 15 de janeiro a 25 de fevereiro de 2014.
 - 13.3 Realização de uma nova exposição em parceria com a Divisão de Bibliotecas e Documentação sobre os 50 anos da Pós Graduação na PUC-Rio.

Atividades Individuais: Matheus Lima Targuêta.

No período entre 07 de julho de 2013 a 08 de junho de 2014, que este relatório compreende, realizei as seguintes tarefas:

I. Análise, seleção, catalogação e digitalização dos arquivos da Diretoria de Admissão e Registro (D.A.R), do acervo do professor Junito Brandão e do Jornal Fala Comunidade.

Ficaram sob minha responsabilidade, juntamente com as bolsistas Wendy Lafayette e Namíbia Rodrigues, a análise, seleção, catalogação e digitalização dos documentos do professor Junito Brandão; também, juntamente com a bolsista Thaís Lacerda, a digitalização das atas da Diretoria de Admissão e Registro; além de, em parceria com o bolsista Fabio Cano, a digitalização dos jornais Fala Comunidade. Sendo assim, a título de exemplo, segue este documento, por mim digitalizado e disponibilizado no site do Núcleo de Memória:



Página de abertura do Livro de Atas dos Exames Finais da primeira turma de Engenharia da Escola Politécnica. Documento Manuscrito. 1948. Acervo da DAR PUC-Rio.

II. Organização e realização, juntamente com a Divisão de Bibliotecas e Documentação, da exposição em homenagem ao professor Junito Brandão e outra em comemoração aos 50 anos de Pós-Graduação na PUC-Rio.

No período que este relatório compreende, o Núcleo de Memória realizou duas exposições: uma em homenagem a Junito Brandão, antigo professor da PUC-Rio especialista em estudos sobre a Grécia e a Roma antigas e sobre mitologia antiga, e outra exposição em comemoração ao jubileu da Pós-Graduação na PUC-Rio, na qual os professores fundadores dos programas de pós-graduação foram homenageados com o descerramento de uma placa. Nelas, participei, juntamente com a equipe, da seleção do material e de sua organização e disposição na estante e nos expositores da Biblioteca Central da PUC-Rio.



Armário do material selecionado para a exposição em homenagem ao professor Junito Brandão. 2013. Fotógrafo Antonio Albuquerque. Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.



Armário do material selecionado para a exposição em comemoração aos 50 anos dos programas de Pós-graduação na PUC-Rio. 2013. Fotógrafo Matheus Lima Targuêta. Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.

III. Catalogação e arrumação do acervo relativo à história da PUC-Rio contidos nos armários (vitrines) da Reitoria.

Como a ação do Núcleo de Memória se estende a materiais documentais de naturezas distintas, coube a nós a tarefa de organizar a documentação museográfica contida nas vitrines do corredor de entrada da Reitoria e da sala do Conselho Universitário, levantando, descrevendo, registrando e catalogando, esse material (prêmios, medalhas, moedas, objetos com o logo da PUC-Rio, entre outros objetos). Quanto a mim, junto às bolsistas Thaís Lacerda e Wendy Lafayette, revisei a lista dos objetos com suas especificações, descrição e localização e registrei fotograficamente a disposição atual dos objetos.

IV. Participação em seminários de leitura e reuniões técnicas.

Participei, junto da equipe, de seminários teóricos, lendo e debatendo os textos apresentados pela professora Margarida de Souza Neves. Também participei das reuniões de cunho técnico para elaborar projetos, sistematizar a agenda de tarefas, trocar experiências e sanar eventuais dúvidas sobre a rotina de trabalho. Para registro destas reuniões fui responsável por escrever as seguintes Atas: 06/11/2013, 15/01/2014, 12/03/2014, 19/03/2014, 05/05/2014, 16/06/2014.

Os seminários teóricos que participamos são:

- “Lembrar, Escrever, Esquecer”, baseado no livro escrito pela professora Jeanne Marie Gagnebin, apresentado pelas Coordenadoras Margarida de Souza Neves e Sílvia Ilg Byington, e por mais dois bolsistas do Núcleo, Pedro Fraga e Reinan Ramos; em 25/09/13.

- “Modelo PUC”, conduzido pela professora Margarida de Souza, onde apresenta a ideia de Modelo PUC existente na Universidade e sua consolidação com o passar dos anos, evidenciando a relação entre a memória da Instituição e a formação de sua identidade.

- “Memória: Diálogos”, apresentado pela professora Margarida de Souza, onde aponta alguns dos principais teóricos sobre a questão da memória e seus argumentos; em 05/02, 26/02 e 12/05/14.

- Leitura e debate do capítulo IX do livro Projeto e Metamorfose – Antropologia das Sociedades Complexas: “Memória, Identidade e Projeto”, de Gilberto Velho (1994, p.97-105); em 16/07/13.

- Leitura e debate do verbete “Memória”, de Jacques Le Goff, contido na enciclopédia Einaudi (1984, p.11-50); em 04/09/13.

- “Pierre Nora e os Lugares de Memória”, capítulo de Margarida de Souza Neves no livro *Os Historiadores: Clássicos da História* (2014); discutido em 12/03/2014.

V. Publicação no *Jornal da PUC*.

O Núcleo publica no *Jornal da PUC* uma série de artigos intitulada Crônicas de Memória. Em 2013 a série chamava-se “Fotografias: janelas do tempo” e a proposta era tematizar a relação entre fotografia, história e memória através de fotografias que possuímos em nosso acervo. Na edição especial do *Jornal* sobre os 50 anos da Pós-Graduação na PUC-Rio, publiquei o artigo “Um ícone da PUC-Rio”, escrito juntamente com a coordenadora de pesquisa do Núcleo, Silvia Ilg Byington, que trata do primeiro computador da América do Sul para fins científicos utilizado por uma universidade e que pertenceu à PUC-Rio, o Burroughs 205. Reproduzido a seguir.

“Um ícone da PUC-Rio.”



Alunos e o professor pe. Francisco Röser S.J. (à direita, de óculos) operando o computador B-205 no Centro de Processamento de Dados da PUC-Rio. c. 1960. Fotografia desconhecida. Acervo do Núcleo de Memória.

A foto escolhida para essa edição comemorativa dos 50 anos da Pós-Graduação na PUC-Rio pertence a uma série que retrata alunos e professores, no início dos anos 1960, na sala do Centro de Processamento de Dados da PUC-Rio, que abrigava o Burroughs B-205, um sistema de computação para uso científico único no país no momento em que a própria informática como área acadêmica dava seus primeiros passos.

A grande e complexa máquina, cercada por olhos atentos dos jovens alunos e de um

curioso pe. Röser, professor e fundador do Instituto de Física, e que aparece debruçado sobre o console, serviu para o desenvolvimento dos primeiros projetos de pesquisa não somente de professores, alunos de graduação e dos pós-graduandos da PUC-Rio mas também foi utilizada em algumas das primeiras teses desenvolvidas em programas da COPPE/UFRJ na mesma época. Era utilizada igualmente em projetos estratégicos de órgãos e empresas estatais como o Conselho Nacional de Pesquisa, a Comissão de Energia Nuclear, a Companhia Siderúrgica Nacional, a Petrobras e os Ministérios do Exército, Marinha e Aeronáutica, membros do consórcio que viabilizou a aquisição do equipamento e sua instalação na PUC-Rio. Eram tempos presididos pela política desenvolvimentista levada a cabo pelo governo de Juscelino Kubitschek, bem expressa em um de seus discursos, proferido em 1956: “É que estamos em plena batalha do desenvolvimento, na luta pela aceleração do progresso do Brasil, numa hora positiva de recuperação do tempo perdido por nosso país”, e a aquisição do B-205 foi uma das expressões da nova face do progresso.

De resto, o chamado “Cérebro Eletrônico” atraía a atenção da comunidade universitária por suas proporções, sua configuração futurista e suas operações indecifráveis ao comum dos mortais que guardaram na memória suas luzes coloridas e piscantes, chamativas pelo fato do B-205 ter sido instalado em uma sala de vidro localizada nos pilotis do Edifício Cardeal Leme por onde passavam necessariamente todos os alunos, professores, funcionários e visitantes da Universidade.

Essa foto nos ajuda também a compreender, para além do significado objetivo deste sistema pioneiro nas universidades brasileiras, o valor simbólico de que o B-205 se reveste e que confere a ele um lugar de destaque em nosso imaginário, uma poderosa representação da PUC-Rio para ela mesma, um ícone da memória, da identidade e dos projetos que esta Universidade quis e quer construir: uma particular fisionomia no conjunto das universidades brasileiras em sua profícua relação com o setor público e com o setor privado, sua preocupação com a internacionalização desde seus primeiros anos, o cuidado com a formação de alunos de todos os centros, seu pioneirismo e a excelência acadêmica que marca a relação orgânica do ensino e da pesquisa nesta Instituição.

Silvia Ilg Byington e Matheus Lima Targuêta
Núcleo de Memória da PUC-Rio

Em 2014, por ocasião dos 50 anos do Golpe Civil-militar, a série do Núcleo no Jornal da PUC foi intitulada “Para não esquecer”. Na edição 280 publiquei, em parceria com Igor Valamiel, bolsista de IC do Núcleo, o artigo "Quem cala sobre teu corpo consente na tua morte.", reproduzido a seguir, que aborda a morte do estudante secundarista Edson Luís no restaurante estudantil da UFRJ enquanto se preparava para um protesto, e a missa realizada na Igreja da Candelária em sua homenagem.

"Quem cala sobre teu corpo consente na tua morte."



A cavalaria investe contra os civis na saída da missa pelo estudante Edson Luis, na Igreja da Candelária. 04/04/1968. Fotografia Evandro Teixeira. Acervo do autor.

O título deste artigo é um trecho de uma canção de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, composta em memória de Edson Luis, estudante secundarista morto pela repressão, em 28 de março de 1968. Foi assassinado enquanto se preparava um protesto contra as péssimas condições do restaurante estudantil, o Calabouço. Coincidentemente, a missa de sétimo dia do estudante paraense, realizada no dia 04 de abril de 1968, ocorreu no mesmo dia do assassinato do ativista norte-americano Martin Luther King, militante na defesa dos direitos civis da população negra e que enxergava na não violência uma forma de reivindicação eficaz.

Na foto cedida por Evandro Teixeira para esta coluna está registrado o momento de barbárie e horror que sucedeu à missa de sétimo dia de Edson Luis. A morte do estudante tornou-se um símbolo contra a opressão e evidenciava a violência praticada pelo regime militar. No dia da missa compareceram centenas de estudantes, mães, artistas e intelectuais, alguns deles da PUC-Rio, transformando o rito fúnebre em ato de resistência contra o regime. Enquanto a cerimônia acontecia, já se podia ouvir a movimentação de policiais militares, soldados e o som estremecedor do helicóptero que sobrevoava a Igreja da Candelária.

Dispensar a multidão era o objetivo da tropa, e aqueles que saíam da igreja eram encurralados e espancados. No término da missa, como se inspirados pela futura canção de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, os padres que celebraram a missa tomaram partido do povo e deram-se os braços, formando um cordão de isolamento entre a truculência da polícia e a população indefesa.

O que era para ser respeito e reverência a um companheiro injustamente morto transformou-se em desrespeito e violência contra a população. Até mesmo o direito à lembrança pareceu estar ameaçado. Porém, ninguém pode impedir a memória, que não se cala diante daquele corpo, nem consente no silêncio sobre a nossa história.

Igor Valamiel
Matheus Lima Targuêta

VI. Leitura do livro *Crônicas de Cá e de Lá* escrito pela professora Maria Clara Lucchetti Bingemer.

No período que compreende este relatório, coube a mim a leitura do livro e localização dos artigos produzidos pela professora do Departamento de Teologia, Maria Clara Lucchetti Bingemer, publicados no livro *Crônicas de Cá e de Lá*, que mencionam pessoas envolvidas com a PUC-Rio. São elas: Alceu Amoroso Lima, Dom Helder Câmara, Jesus Hortal Sánchez, S.J., Cleonice Berardinelli, Luiz Paulo Horta e José Paulo Moreira da Fonseca.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Crônicas de cá e de lá**. Minas Gerais: Edições Subiáco, 2012.

VII. Cobertura fotográfica.

Com a finalidade de registrar fotograficamente as datas de importância para a PUC-Rio e sua comunidade, durante o período que o fotógrafo do Núcleo de Memória, Antônio Albuquerque se encontrava em recuperação pós-operatória, fotografei o evento *Meu Primeiro Dia na PUC* (10/02/2014) e o lançamento do livro *Ação Afirmativa em Questão: Brasil, Estados Unidos, África do Sul e França* (25/02/2014), organizado pela professora do Departamento de Educação, Angela Randolpho Paiva. No caso do segundo evento, fotografei junto ao bolsista Igor Valamiel.

VIII. Produção dos kits brinde para a Assembleia Universitária.

Visando a Assembleia Universitária de 2013, no dia 17/12, promovida pela Reitoria da PUC-Rio no Auditório do Rio Datacentro (RDC), para apresentar à comunidade acadêmica o balanço das atividades do ano, o Núcleo de Memória organizou um kit brinde baseado no tema dos 50 anos da pós-graduação na PUC-Rio a ser entregue a cada participante. O kit consistia em: uma sacola da PUC-Rio, uma edição especial do Jornal da PUC e uma caixa-brinde que continha um DVD com o documentário realizado pelo Núcleo juntamente com o Projeto Comunicar, outro DVD (também realizado pelo Núcleo em conjunto com o Projeto Comunicar) com entrevistas colhidas, um folder com a cronologia dos 50 anos da pós-graduação na PUC-Rio realizado pelo Núcleo de Memória, 12 cartões-postais de fotos da Universidade escolhidas no acervo do Núcleo, além de um Anuário PUC-Rio 2012 em versão digital (pen-card).

IX. Preparação para o PIBIC 2013.

As atividades relativas ao projeto também implicam em pesquisas no acervo do Núcleo de Memória que permitam operar com os conceitos teóricos de Memória, Identidade, História e Documento.

Tendo como objetivo a Jornada PIBIC 2014, detive-me na leitura e fichamento do material contido no site do Ano Dom Helder Camara na PUC-Rio, produzido pelo Núcleo de Memória por ocasião da comemoração de seu centenário, e na análise dos documentos sobre ele contidos no acervo. Além de ler artigos e capítulos de livros que estão registrados, no Relatório Substantivo, e que tratam do tema trabalhado. Também em função do PIBIC 2014 redigi o presente Relatório e preparei o pôster que será apresentado.

2. Relatório Substantivo

MEMÓRIA E HISTÓRIA: HELDER CAMARA NA PUC-RIO.

Aluno: Matheus Lima Targuêta.

Orientadores: Margarida de Souza Neves, Silvia Ilg Byington e Eduardo Gonçalves.

Introdução

Durante os anos da Ditadura Militar no Brasil, um religioso cearense, então Arcebispo da diocese de Olinda e Recife, uma das mais antigas e tradicionais do país, tornou-se notável no cenário nacional e internacional por levantar voz de denúncia aos abusos de autoridade cometidos pelo Governo brasileiro e em defesa dos ideais de democracia, liberdade e direitos humanos num contexto que parecia improvável. Seu nome era Helder Pessoa Camara.

Ao estudar a biografia do famoso Dom Helder e investigar sua passagem pelos mais diversos locais e tempos, assim como faz o caçador que procura sinais e indícios de uma possível presa desaparecida; para utilizar a metáfora proposta por Carlo Ginzburg em alusão ao trabalho do historiador [1]; pude constatar que Helder, homem de seu tempo, nem sempre viveu, lutou e acreditou pelas mesmas ideias e convicções de sua vida madura. Algumas delas, inclusive, chegam a ser contrastantes entre si. Tomemos como exemplo a participação ativa dele, ainda quando jovem padre, logo após sua ordenação sacerdotal, na Ação Integralista Brasileira, que tomava para si um conjunto de crenças e ideais um tanto ou quanto distintas daquelas que mais tarde contornarão sua vida. Porém, apesar da aparente contradição, a adesão dele ao movimento integralista pode ser compreendida e explicada de forma mais eficaz se analisarmos o contexto e as forças sociais nas quais ele estava inserido.

Compreender, portanto, é meu objetivo. Não é intuito deste trabalho, em momento algum, polemizar ou denegrir a imagem de Helder em tempos de início do seu processo de canonização [2], mas sim, estabelecer uma reflexão sobre ele em seu contexto a partir dos interlocutores que mobilizo à luz da noção de “ilusão biográfica” estabelecida por Pierre Bourdieu [3]; uma armadilha em que, a meu ver, muitas biografias sobre ele caem, pois releem sua vida do fim ao início (como se já houvesse nascido Arcebispo Emérito de Olinda e Recife e aguerrido defensor dos pobres e da liberdade), perdendo, assim, a percepção da especificidade de cada momento no qual ele estava inserido e sua subjetividade como pessoa humana. Como ressalta Robert Darnton:

Precisamos de ser constantemente alertados contra uma falsa impressão de familiaridade com o passado, de recebermos doses de choque cultural. [4]

A pesquisa que desenvolvo busca compreender a memória e a história de Helder Camara na PUC-Rio, da qual foi um dos fundadores e professor, de forma que a análise do contexto histórico e eclesial também se constituam como reveladoras de um ambiente relevante. Para fins didáticos, esta pesquisa se desdobra em quatro demarcações temporais distintas. O primeiro momento diz respeito a sua vinda para o Rio de Janeiro em 1936 para ser Assistente-técnico do Instituto de Educação do Distrito Federal, e em 1942 quando é chamado a integrar o corpo docente das Faculdades Católicas. O segundo momento, marcado pela Ditadura Militar instaurada em 1964, refere-se ao período em que, já conhecido como “Bispo Vermelho”, foi silenciado na arena pública nacional, particularmente na imprensa, mas

também pesa sobre ele um significativo silêncio na PUC-Rio. O terceiro momento é marcado pelo ano de 1991, quando ele recebe o título de Doutor *Honoris Causa* da PUC-Rio pela Faculdade de Filosofia, o último de sua vida, na mesma cerimônia em que Heráclito Fontoura Sobral Pinto, seu amigo e interlocutor, também é agraciado com o mesmo título pela Faculdade de Direito. E o quarto momento corresponde ao ano de seu centenário em 2009, quando a PUC-Rio declara o Ano Dom Helder Camara e participa ativamente dos eventos comemorativos do centenário.

No presente Relatório Substantivo, abordo e aprofundo um estudo apenas do primeiro período da periodização proposta. Porque se trata de uma pesquisa que pretende analisar os três outros períodos restantes em próximos Relatórios Substantivos de Iniciação Científica e consolidar-se como monografia de fim de curso para obtenção do título de bacharelado e licenciatura em História.

UM PADRE CEARENSE NOS DEBATES DOS ANOS 1930 E 1940.

A. UM INÍCIO INESPERADO: OS ANOS DE HELDER CÂMARA NO CEARÁ.

Na contramão de toda “ilusão biográfica”, nada nos anos de infância, juventude e primeira atuação como padre católico de Helder Câmara poderia fazer suspeitar que sua vida viria a ser internacionalmente conhecida como a de um representante de uma igreja avançada, de um lutador pela democracia e dos direitos humanos, de um arcebispo comprometido com as causas dos pobres, a ponto de ser pejorativamente apelidado por seus antagonistas de “bispo vermelho”.

Filho de João Eduardo Torres Camara Filho, um maçom, crítico teatral e guarda-livros da principal empresa cearense no final do século XIX e início do XX, a Casa Boris Frères, com a professora primária Adelaide Rodrigues Pessoa Camara, Helder Pessoa Camara nasce no dia sete de fevereiro de 1909 em Fortaleza. Foi o décimo primeiro filho de uma família na qual nasceram treze, porém apenas oito sobreviveram. Metade dessas mortes foi ocasionada pela crise de crupe que assolou a região nordestina em 1905, não poupando nem as famílias de classe média como a de Helder.

Ainda pequenino, Helder demonstrou grande curiosidade e interesse na vida religiosa. Ideia que, possivelmente, não encontrou resistência em seu lar devido ao grande apelo e capacidade de persuasão da Igreja Católica em Fortaleza; uma vez que ela representa um dos mais tradicionais e importantes centros do cristianismo nacional, e dela parte o principal responsável pela empreitada restauradora do catolicismo no Brasil, Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, que empenhou-se efetivamente na reconquista daquelas áreas de influência que antes estavam sob o controle da Igreja e, desde a proclamação da República, estão sob domínio estatal. Inclusive, este mesmo homem foi arcebispo da diocese que abrigava o Seminário Menor onde Helder estudou desde os 11 anos de idade na tentativa de amadurecer sua noção inicial de vocação sacerdotal.

Caminhando em direção à sua ideia principal de seguir vida religiosa, após três anos de Seminário Menor e de curso médio, aos 14 anos, Helder ingressa no Seminário Diocesano de Fortaleza, o Seminário da Prainha, em 1923. Lá, além das influências francófilas que estavam muito presentes na sociedade cearense daqueles tempos, Helder estudaria e teria muita proximidade com os padres lazaristas que dirigiam o Seminário, pois cultivava bom relacionamento com os reitores e o corpo docente formado, quase que totalmente, por padres franceses, chamados com o objetivo de ampliar e moralizar o clero cearense. Apesar do austero código de conduta e da intensa rotina de estudo, Helder empenhou-se e deu conta de

adequar-se à cultura erudita valorizada no Seminário, chegando, inclusive, a chamar a atenção de seus superiores.

O cenário eclesial nos anos que correspondem ao período de Seminário de Helder, ou seja, as décadas de 1920 e 1930, representam um momento de ampla reorganização interna da Igreja Católica visando restaurar sua influência política no Estado e nos seus governantes, além de sua importância religiosa sobre a população. O personagem principal para este movimento, como já assinalado anteriormente, foi o arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, ex-arcebispo de Olinda e Recife, Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, um estudioso da situação católica no Brasil que tomou para si a tarefa de lutar pela implantação de uma ordem política e social católicas, exorcizando as ameaças que puseram a Igreja à margem dos processos políticos decisórios.

No começo do século XX, segundo a ótica de Dom Leme, o Brasil era um país essencialmente católico. Exemplos disso seriam as nossas tradições, os nomes de nossos lugares e população, a presença de templos em tantas cidades, a persistência e fervor nas procissões e romarias aos santuários da Virgem, a insistência dos pais para que os filhos sigam os dogmas e sacramentos da fé, entre tantos outros exemplos que demonstrariam a permanência da Igreja na manifestação cultural popular até aquele momento. Entretanto, paradoxalmente, ainda segundo a perspectiva de D. Leme, apesar desse grande apelo popular, o catolicismo brasileiro era ineficaz e inoperante no que tange aos processos políticos decisórios sobre os rumos do país, constituindo-se em agente passivo em relação ao domínio das minorias não católicas, eficazes que eram em empregar suas ideais no campo da sociedade civil.

Desde a divulgação de sua Carta Pastoral saudando os arquidiocesanos, em 1916, por ocasião de sua posse como arcebispo de Olinda e Recife, Dom Leme interpreta a situação da instituição católica nacional e chega à conclusão de que o grande mal provocador daquele cenário desfavorável era a falta de instrução religiosa da população. Segundo ele:

(...) as verdades, a doutrina, os ensinamentos e os preceitos do evangelho não são conhecidos com clareza de ideias nem com fundamento de razões. [5]

Tratava-se, portanto, de recristianizar a nação. Nesta missão, Leme considerou que o primeiro passo a dar seria a conquista das classes dirigentes e intelectuais, as quais desempenhariam papel fundamental de formar opiniões na sociedade civil, influenciando a população a aceitar o catolicismo oficial, ou seja, aquele propugnado por Roma, abandonando assim seus sincretismos; e, também, pressionar o governo em defesa dos interesses da Igreja. Para promover a educação católica ao povo, essa elite se utilizaria, nos planos do arcebispo, da estrutura do Estado, principalmente do Ministério da Educação, criado em novembro de 1930, e da rede de colégios estaduais. Depois desse feito, caberia um segundo passo, o de formar uma ordem social católica no país através da luta constitucional pela inclusão dos principais desejos católicos na Constituição, a saber: o ensino religioso de presença facultativa em todos os níveis educacionais, a assistência religiosa às forças armadas, a indissolubilidade matrimonial e o reconhecimento estatal do catolicismo como a religião do povo. Nota-se que não se tratava de reconhecer o catolicismo como religião oficial do Estado, mas reconhecê-lo como religião oficial do povo.

Mais adiante nos deteremos melhor sobre o quadro eclesial que emoldurou a vida de Helder neste momento, porém, cabem aqui alguns apontamentos importantes para o entendimento e percepção de que, antes de mais nada, Helder era homem de seu tempo, perspicaz e capaz de discerni-lo, atuando conforme seus valores e ideais. Sendo assim, ele estava atento a ação de Dom Leme e cativava-lhe a habilidade do hierarca em influenciar no

processo de conversão do intelectual Jackson de Figueiredo ao catolicismo, segundo Nelson Piletti e Walter Praxedes [6].

Apesar de neófito, Jackson viria a se tornar um dos leigos mais influentes no processo de restauração católica. Foi responsável pela criação da revista *A Ordem* (1921) e do Centro Dom Vital (1922), ambas apoiadas por Leme, na iniciativa de propagar a influência católica junto à intelectualidade com o fim de canalizar a energia desses pensadores em defesa dos interesses políticos da Igreja. Seu estilo polêmico e impetuoso fez com que seus artigos, sempre de cunho apologético, em defesa da legalidade, ordem, autoridade, nacionalismo e moralismo lhe garantissem a posição de líder do laicato católico. A revista *A Ordem* tornou-se trincheira a partir da qual Jackson mobilizava e orientava a ação política de seus leitores, baseado em um ideário autoritário e assumidamente reacionário.

O jovem seminarista Helder estava em constante contato com a revista [7] e dedicado à leitura dos artigos escritos por Jackson. Concordava tanto com os escritos de Figueiredo que liderou um grupo de amigos seminaristas autodenominados “jacksonianos” [8]. Essa orientação política perduraria por anos na vida de Helder, até que, durante a década de 1930, decepção-se progressivamente com tal segmento e abandona-o. Outro autor lido por Helder em seu tempo de seminário foi o Padre Leonel Edgar da Silveira Franca, S.J., não só seu livro mais famoso, *A Igreja, a reforma e a civilização*, de 1923, mas os artigos em que explicitaria seus pensamentos acerca de certas correntes de pensamento e os problemas sociais e políticos pertinentes à época. Outrossim, Franca era um nome intensamente comprometido com a questão educacional católica nas décadas de 1930 e 1940; um dos principais agentes a defender a criação de uma Universidade Católica no Brasil, chegando, inclusive, a ser o primeiro reitor das Faculdades Católicas [9], futura Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; e protagonista no combate às ideias do movimento Escola Nova. Foram autores como esses, inseridos na cosmovisão da revista *A Ordem*, que progressivamente consolidavam a formação da visão de mundo religiosa de Helder e seus colegas de convívio no seminário.

Quanto à formação do seminarista Helder, podemos ressaltar alguns pontos relevantes. Por exemplo, os padres lazaristas priorizavam o ensino de línguas, literatura e humanidades, dentro da tradição greco-latina, o que acabava legando um eruditismo exacerbado, que por vezes se distanciava da realidade na qual eles estavam inseridos, ou seja, a do Nordeste brasileiro, o que produzia grande choque ao serem ordenados e exercerem suas atividades pastorais no interior do país. Também, como Helder reconhecerá mais tarde [10], o ideário político apreendido por ele no seminário era parco, e muito centrado no embate entre o comunismo e o capitalismo, sendo o primeiro interpretado como intrinsecamente mal, pois representava o aniquilamento da propriedade privada, o maior estímulo para o trabalho dos homens, além de representar, na perspectiva dos professores do seminário, a negação da religião, tida como a base de toda moralidade. Tratava-se, portanto, de uma escolha do mal menor. Compreendemos assim que a lacuna deixada pelo seminário na formação política de seus alunos foi suprida pela Revista. Como assinalam Nelson Piletti e Walter Praxedes:

Como a Igreja acreditava que o comunismo representava a dissolução da família e o surgimento do ‘amor livre’, que poderiam ocorrer no Brasil a partir da aprovação da Lei do Divórcio e do controle da natalidade, tratava-se de defender o povo brasileiro dessas ameaças. Contra a ideia comunista do internacionalismo proletário e da revolução mundial, a Igreja acreditava que o melhor antídoto seria a defesa intransigente da pátria. Em resumo, a formação de Helder e de seus colegas no seminário seguia fielmente tanto a linha do catolicismo oficial consagrado no Concílio Vaticano

I, de 1870, com seu verdadeiro ódio ao iluminismo filosófico, à Revolução Francesa, ao liberalismo e ao comunismo, como a adaptação tupiniquim dessa linha oficial, realizada por Jackson de Figueiredo, em defesa da ordem e da autoridade contra as transformações revolucionárias, que agitavam a Europa e ameaçavam chegar ao Brasil, com o Movimento Tenentista e o Partido Comunista do Brasil, este criado em 1922. [11]

Discípulo de Dom Leme, Jackson de Figueiredo nutria então, já há algum tempo, um debate doutrinário com o intelectual Alceu Amoroso Lima, na tentativa de agregá-lo ao grupo católico. Foi uma longa discussão epistolar de cunho filosófico e religioso até que finalmente Alceu comungasse pela primeira vez como convertido em uma missa celebrada pelo padre Leonel Franca. Porém, depois de dois meses e meio apenas da chamada conversão de Alceu, Figueiredo morre afogado ao pescar com seu filho. Então, Dom Leme solicita a Alceu que tome o lugar de seu amigo precocemente morto e, assim, assuma a liderança do laicato no Brasil, isto é, dirigisse a revista *A Ordem* e o Centro Dom Vital. Como perceberemos adiante, de maneira um pouco mais detalhada, essa mudança de líder não correspondeu somente a uma troca de pessoas no cargo, mas a uma mudança de orientação desses órgãos, de visão sobre o catolicismo, de compreensão sobre a vida religiosa. De um ideário predominantemente político, reacionário, moralista, doutrinário e apologético, a um ideário mais aberto, mais arejado, moderado, que visava desenvolver uma “cultura católica superior” [12]. Não foi uma mudança imediata, tomou tempo, mas ocorreu progressivamente com o passar dos anos.

É nesse momento conturbado, no ano de 1928, que Helder envia uma carta a Alceu e assim inicia o que será uma longa amizade. Em tom de lástima pela morte de Jackson e ao mesmo tempo contente pela sua substituição por alguém de tanta capacidade quanto Alceu, Helder congratula o líder leigo em tom sentimental e humilde, no que é prontamente respondido por Alceu provocando-lhe grande euforia. Na resposta, Alceu sugere que Helder encontre um amigo seu em Fortaleza, que acabara de converter-se ao catolicismo e retornara recentemente ao Ceará após cursar a Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro: o jovem tenente Severino Sombra. Também assíduo leitor de Jackson de Figueiredo, a afinidade entre ele e Helder foi percebida logo. Sombra visitava o amigo no seminário e, quando estavam de folga, encontravam-se e conversavam longamente, além de dividirem entre si novos exemplares da revista *A Ordem*. Sombra também apresenta-lhe um amigo seu das forças armadas que manifestou grande interesse em trocar correspondências com o seminarista, seu nome era Jeová Mota e trabalharam juntos longamente [13]. Ao que parece, a sugestão de Alceu foi tomada por Helder quase como uma ordem, tamanha admiração do jovem seminarista pelo líder leigo. A título de exemplo, segue esta transcrição de uma de suas cartas a Alceu, a quem se dirige por seu pseudônimo literário:

Meu prezado e ilustre amigo

Senhor Tristão de Athayde,

Apresso-me em escrever-lhe para vencer um mau pensamento ou, antes, um mau desejo em relação ao senhor. Não pense que estou com pedantismo, Sr. Tristão – pensei em esconder-me, em fugir do senhor, ao ver o último número d’A ordem.

Vi tanta erudição em seu artigo e nos de seus companheiros, que estou acanhado de mim mesmo, de meu atraso, de minha falta de cultura. Devia ir estudar treze vezes mais para depois aparecer. Foi, sim, um mau pensamento. E para vencê-lo, venho atirar-me em seus braços com o abandono duma criança. Eu não sei nada, Sr. Tristão!

Em relação ao tomismo, que julgava ser meu forte, vejo que apenas tenho uma basezinha do próprio sto. Tomás. Não sei nada de todas essas escolas neokantianas a que aludiram o senhor e o sr. padre Leonel... E mesmo sem chegar até o senhor e o sr. padre Leonel, que erudição a dos senhores Luís Delgado e Nelson Romero! ...

Mas não quero, não devo, fugir do senhor porque sou atrasado. E peço que os senhores não me desprezem também. Vou redobrar de esforços. Estudar duas vezes mais. É verdade que não conto com o inglês e o alemão, mas enfim... Tenho pena do senhor não me dar uma palavrinha de direção. Também avalio suas ocupações! Mas veja, por bondade! O meu sonho em filosofia – como o meu ‘De Farias Brito a Maritain’. (...).

Já estou acanhado de me ter aberto tanto. Mas eu tenho tanta confiança no Senhor!... É verdade que às vezes eu penso com que cara eu lhe apareceria, se o senhor viesse ao Ceará, ou se eu, por um absurdo, fosse um dia ao Rio... [14]

Tão mobilizados que estavam por aquela atmosfera de reacionarismo propagandeada pela revista A Ordem e seu líder Jackson, os jovens Helder, Sombra e Mota começam a publicar artigos doutrinários para o jornal católico *O Nordeste*. Também, sob a liderança de Severino Sombra, o grupo passa a publicar artigos escritos coletivamente sob o pseudônimo de Agathon, o mesmo utilizado em 1912 por um grupo de jovens intelectuais franceses liderados por Henri Massis. Os objetivos deles eram similares ao da revista A Ordem, a saber, a busca por uma renovação intelectual católica, pois os pensadores católicos, a seu ver, encontravam-se parados e desatualizados; a crença de que a saída da crise pela qual o Brasil passava era apenas possível através do viés religioso e o ativo combate ao modernismo. Porém, menos ambiciosos quanto ao alcance de seus escritos, publicavam apenas localmente.

O primeiro artigo escrito e publicado por Helder, imerso que estava na proposta d’A Ordem, estava assinado com o pseudônimo Alceu da Silveira, em homenagem aos dois intelectuais que muito admirava, Alceu Amoroso Lima e Tasso da Silveira, ambos futuramente ligados às Faculdades Católicas [15]. Foi um escrito que causou polêmica nos meios intelectuais da cidade naquele momento. Após descobrir que no Instituto de Educação de Fortaleza uma professora de psicologia, Edith Braga, estava ensinando uma teoria considerada materialista e herética segundo os preceitos católicos da época, o behaviorismo, Helder pede permissão ao seu reitor para que denuncie publicamente a professora. Tratava-se, na sua percepção daqueles anos jovens, de uma missão para salvar os alunos. Porém, logo a réplica aconteceu, gerando sensação na cidade, mas novamente Alceu da Silveira retornou e, no estilo eloquente e impiedoso de combate aos supostos erros, acirrou ainda mais a questão. Logo, o Monsenhor Tabosa Braga fez questão de por fim à polêmica e sossegar o orgulhoso jovem intelectual.

Helder prosseguiu seus anos de seminário adequando-se bem à cultura erudita exigida. Mas, já ao final do curso, prestes a ser ordenado, vale-nos como acontecimento relevante para interpretarmos tamanho apelo exercido pela cúpula católica no recrutamento de intelectuais, a crise vocacional pela qual o seminarista concluinte passou. Por um lado, ele estava prestes a assumir um compromisso com a Igreja e realizar seu projeto de vida já delineado há algum tempo, por outro, desejava canalizar sua inquietude intelectual para a ação política e assumir uma proposta de vida cujos contornos ainda não se tinham com mais clareza, todavia, poderiam apresentar-se com mais objetividade conforme desenvolvesse sua formação intelectual. Foram necessários meses de aconselhamento com seu reitor Tobias Dequidt,

conversas com sua mãe e orações para que se convencesse. No dia dezesseis de agosto de 1930, Helder encaminha ao arcebispo metropolitano sua resposta de que aceita seguir vida sacerdotal e três meses e meio depois Dom Manoel concede-lhe o subdiaconato na Igreja da Prainha. Aos 22 anos, com autorização especial da Santa Sé, por ainda não possuir a idade mínima necessária (24 anos) para ser ordenado, Helder, já padre, é o único de sua turma a atuar em uma igreja em centro urbano.

No começo de suas atividades sacerdotais, Helder é designado a atuar nos Círculos Operários Católicos, presentes em Fortaleza já há algum tempo, implantados, inclusive, por um dos primeiros reitores do Seminário da Prainha nos tempos de Helder, o padre holandês Guilherme Vaessen, que já possuía experiência com o operariado católico belga e tentava repeti-la no Brasil. Logo após sua ordenação, Helder assume a organização da Juventude Operária Católica (JOC) e, simultaneamente, trabalhava como assistente eclesiástico da Liga dos Professores Católicos e professor de Religião do Liceu do Ceará, juntando assim suas duas ambições à época: o serviço à Igreja e ação intelectual com fins políticos. Porém, naqueles anos de 1930, o Brasil passava por momentos delicados em sua dinâmica interna, observava-se que o clima político e ideológico apontava cada vez mais para a radicalização, tanto pela direita quanto pela esquerda. Até mesmo o intelectual Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) compartilhava esse ambiente de ideias, combatendo o liberalismo e o comunismo, propagando certa herança recebida de Jackson de Figueiredo.

Severino Sombra, grande companheiro de Helder, também compartilhava dessa atmosfera intelectual, suas preocupações tinham muito em comum com as da Igreja naquela época, ou seja, defender a ordem social e o princípio de autoridade somado ao combate às ideias comunistas. Entendia, no entanto, que esse combate e aquela defesa pressupunham assumir, sem matizes, a bandeira autoritária. No modo de pensar de Sombra, o movimento revolucionário que levou Vargas ao poder era condenável, pois era considerado um regime de caráter liberal e democrático, e destinado a corromper a sociedade por promover o individualismo e a corrosão do princípio de autoridade, pois um governo que pauta-se sobre instituições desagregadoras por natureza, como eram, para ele, os partidos e o parlamento, não teria outra consequência que não estas. O autoritarismo era visto como a única solução para harmonizar a sociedade brasileira e garantir a unidade nacional e a modernização político-econômica.

Severino Sombra reuniu uma parcela considerável da elite cearense em torno da ideia de fundar um movimento político que servisse de exemplo acerca da nova orientação que gostaria de ver seguida. Em 1931 fundou a Legião Cearense do Trabalho. Seu objetivo era lograr aquilo que entendia como educar o operariado, fazê-lo colaborar juntos as outras classes e torná-lo coeso, a ponto de impermeabilizar aquele segmento social das ideias comunistas. Na mesma época de fundação da LCT, padre Helder organiza, também no Ceará, a JOC (Juventude Operária Católica), iniciando assim no seu estado o movimento conhecido como jocismo. Porque entre Helder e Sombra não havia divergência de pensamento, ou, se havia, não era drástica, a associação entre os dois não demorou a acontecer. A afinidade entre os movimentos era tanta que davam impressão do jocismo ser parte da Legião.

Em 1932, um ano depois da fundação da Legião no Ceará, Plínio Salgado lança em São Paulo o Manifesto de Outubro, que deu início oficialmente a Ação Integralista Brasileira (AIB). Além daquelas características autoritárias e antiliberais que já estavam presentes no pensamento político de parte das elites dos anos 30, a AIB recebe forte influência dos movimentos fascistas europeus, principalmente do fascismo italiano liderado por Benito Mussolini. Os integralistas lutavam por um nacionalismo exacerbado e defendiam a tradição, a família (tradicionalmente compreendida) e os valores militares, somado a ataques ao capitalismo internacional e ao comunismo soviético. Nesse mesmo Manifesto, também fica

evidente a intenção de aproximação ao catolicismo, claro já no início do documento com a afirmação de que “Deus dirige o destino dos povos” [16].

A fim de organizar a AIB nacionalmente, Plínio Salgado contata as lideranças estudantis ligadas a Igreja Católica. No Ceará, o escolhido foi Severino Sombra, e como ele se encontrava exilado em Portugal por conta do seu posicionamento contrário ao golpe que levou Getúlio Vargas ao poder e por ter apoiado a revolta constitucionalista de 1932, fica impedido de corresponder às expectativas de Plínio. Então, o convite foi feito ao padre Helder e a Jeová Mota, sendo que Severino Sombra, por carta, tenta influenciar a escolha deles pelo movimento, criticando a direção unipessoal de Salgado. Com essa objeção, o padre e o antigo tenente (agora capitão do exército) ficam em dúvida. Por coincidência, Alceu Amoroso Lima acabara de publicar um artigo na revista A Ordem onde afirmava que a doutrina integralista não se opunha à fé católica, e incentivava os católicos não somente a darem apoio, mas a participarem da AIB, apesar de ressaltar a mesma crítica que Sombra fizera à direção unipessoal de Plínio Salgado, afirmando que um católico consciente jura fidelidade primeiramente a Deus. Para Alceu, os fiéis poderiam participar do movimento se mantivessem a proeminência de sua fé sobre suas convicções políticas.

Dada a afinidade do pensamento de Helder com Alceu, restava apenas mais um obstáculo para que o jovem padre aceitasse a proposta de ser Secretário de Estudos da Ação Integralista Brasileira no Ceará, a aprovação de seu arcebispo, Dom Manuel. A ele Helder argumenta que o movimento integralista no Ceará arregimentaria os jovens intelectuais e seria a única forma eficaz de combate ao comunismo. Após refletir sobre o pedido, Dom Manuel concorda com a entrada de Helder no movimento, consciente do posicionamento da Igreja a nível nacional. Tratavam-se de anos em que a Igreja recuperara posição entre as classes dominantes e governamentais, depois de marginalizada do poder por quase todo o período da Primeira República. O cardeal Dom Sebastião Leme conseguira grande aproximação com o presidente Vargas e muitos de seus ministros, o medo de perder essa proximidade previa uma possível tomada de poder pelos radicais integralistas e não desconhecia o exemplo italiano de Benito Mussolini e os problemas que trouxera para a igreja italiana, neste caso, portanto, aproximar-se dos integralistas pressuporia cautela.

Autorizado por seu arcebispo, Helder passa a uma militância intensa como secretário de estudos da AIB no Ceará, acima de tudo, como maior propagandista do integralismo em seu estado, fundando núcleos de militantes nas cidades do interior, organizando manifestações de rua e comícios, dando palestras e cursos e publicando artigos sobre a doutrina integralista. [17]

Helder não ingressará sozinho na AIB. Com esta decisão, levou consigo quase que toda a Legião Cearense do Trabalho. O que lhe rendeu grande problema com o líder exilado, Severino Sombra. Após uma intensa polêmica em torno de artigos publicados, cartas abertas e eventos agendados onde a rixa entre os dois tornou-se patente, em 5 de julho de 1934 uma nota no jornal católico O Nordeste é publicada e Severino Sombra é de todo afastado da LCT. O evento culminou com o corte de relações entre Helder e Sombra, que afastou a possibilidade de divisão no movimento integralista do Ceará e permitiu que ele pudesse se dedicar às duas prioridades da Igreja Católica brasileira naqueles anos: conquistar seus interesses no campo educacional e influenciar nas eleições estaduais.

Na década de 1930, pode-se perceber que Helder abraçara a causa da Igreja no âmbito educacional. Ele começa a publicar artigos em defesa das reformas propostas pelos católicos e combatia aquelas que eram laicas e vistas como indiferentes ou contrárias à fé. Organizava encontros de professores, congressos de educação, participava de eventos em outros estados, ministrava palestras e dava cursos de pedagogia.

(...) [Os] anos 1930, mobilizaram os círculos intelectuais em torno do tema da educação e de seu papel central no processo de modernização nacional. Tanto para os círculos mais conservadores quanto para os defensores de reformas sociais mais liberais ou mais democráticas, o campo da educação era visto, em sua dimensão política, com um campo de lutas estratégico para o futuro do Brasil e que confrontava posições éticas e filosóficas inconciliáveis. [18]

A principal estratégia da Igreja após a Proclamação da República em 1889, foi a luta pelo domínio do campo educacional como seu principal lócus de atuação política. O objetivo era formar intelectualmente as elites por meio de escolas confessionais e, uma vez cristianizadas, acreditava-se que essas elites desempenhariam o papel de cristianizar o povo e o país, pois agora estariam em posição de influência e decisão. A partir da década de 1920, essa estratégia da Igreja começa a ser ameaçada por elites políticas e intelectuais cujas propostas de resolução para os problemas nacionais já não mais passam pelo âmbito da fé. Essas elites provêm de círculos intelectuais laicos ou, minimamente, indiferentes ao elemento religioso. Suas propostas referem-se à democratização do ensino, porque a maioria da população é analfabeta, configurando um aspecto inadequado ao país que deseja desenvolver-se economicamente e industrializar-se.

Em 1924 é fundada a Associação Brasileira de Educação, órgão que promove as Conferências Nacionais de Educação, com o objetivo de ampliar as redes de colégios públicos de caráter laico para qualificar a mão de obra exigida pelas indústrias e pela crescente urbanização. A partir da terceira Conferência Nacional, realizada em São Paulo em 1929, a divisão entre as propostas católicas e dos educadores liberais é consolidada. As divergências se acirram na quarta Conferência, desta vez, no Rio de Janeiro em 1931, quando o próprio presidente da República apareceu e solicitou aos educadores sugestões para a formulação da política nacional de educação. Divididos, os participantes não chegam a um acordo, venceram os educadores liberais, de mais rápida mobilização, e em 1932 lançam, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, liderados por Fernando de Azevedo, em defesa da escola pública, obrigatória, gratuita, universal e laica. A reação católica foi imediata, em 1933, em oposição à ABE, nasce a Confederação Católica de Educação, defendendo as propostas católicas no campo educacional.

Na sexta Conferência Nacional de Educação promovida pela ABE, em Fortaleza, no ano de 1934, padre Helder, agora mais famoso depois de publicar o artigo *Educação Progressiva* na revista *A Ordem*, onde critica o livro, que leva o mesmo nome, escrito pelo educador Anísio Teixeira, um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros. A partir de então Helder se projetará nacionalmente como liderança católica e polemizará ardentemente em defesa dos ideais e interesses eclesiais e integralistas. O episódio foi marcante, a animosidade com que defendeu seus argumentos e atacou não somente as ideias contrárias, mas quem as proferia, tomou os espectadores e culminou com o ato descortês de Helder de convocar os representantes católicos a se retirarem da Conferência e telegrafar à Assembleia Nacional Constituinte reivindicando a aprovação de um artigo que assegurasse o ensino religioso nas escolas públicas, deixando os representantes escolanovistas sozinhos. Nos dias que se sucederam, ocorreram manifestações organizadas por membros da Igreja Católica local e militantes integralistas, no que começa a ser uma querela que extrapolava o território educacional. O desfecho da polêmica se deu apenas no dia 12 de fevereiro (a Conferência iniciou-se no dia 02), quando Edgar Süsskind de Mendonça foi esmurrado por jovens integralistas.

Helder conquistou muita notoriedade e a Confederação Católica de Educação, em virtude disso, organiza uma viagem na qual o jovem padre iria defender as posições da Igreja

nos estados do Maranhão e do Pará, apenas dez dias depois da sexta Conferência Nacional de Educação. Durante essa viagem, Helder presenciou debates acirrados e momentos de grande hostilidade. Ele nunca havia passado por situações tão desvantajosas assim na política. No auge das manifestações em repúdio à sua presença em Belém, alguns militantes organizaram seu enterro simbólico e exibiram seu caixão em praça pública ao som de palavras de ordem contra o integralismo.

Neste mesmo ano de 1934, o Brasil passava por mais situações delicadas. Pressionado pela Revolução Constitucionalista em São Paulo, o presidente Getúlio Vargas convoca as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, com o objetivo de escrever o novo texto constitucional. Dom Leme imediatamente passa a mobilizar o efetivo católico que participará da redação da carta. Porém, para ele, a criação de um partido católico não fazia sentido devido à contradição dos termos católico/universal e partido/fragmentação. A resolução para essa questão nasce sob a forma da Liga Eleitoral Católica (LEC), uma frente suprapartidária que coordenaria a ação dos católicos presentes nos vários partidos e, além disso, seu papel principal foi o de instruir o eleitorado católico a respeito de em quais candidatos eles deveriam votar a fim de que esses mesmos homens, depois de eleitos, lutassem pelas prerrogativas católicas na Constituinte. Para controlar e coordenar a atuação da LEC, Dom Leme chamou Alceu Amoroso Lima. O sucesso foi tamanho que em 1933 ela conseguiu eleger a maioria dos deputados constituintes, que, por consequência, aprovaram boa parte das propostas católicas para a nova Constituição. A influência católica estava presente desde o seu preâmbulo, ao afirmar que “nós, os representantes do povo brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte (...)”. [19]

De acordo com essa nova Constituição, em 14 de outubro de 1934 deveria haver uma nova eleição nos estados para definir uma nova Câmara Federal e as Assembleias Constituintes Estaduais. Helder foi chamado para coordenar a campanha lecionista no Ceará, para indicar os candidatos a serem escolhidos e percorrer o interior para angariar o apoio dos coronéis. Apesar da proximidade das eleições, Helder viaja junto de uma delegação de professores para participar do primeiro Congresso Católico de Educação no Rio de Janeiro. Nessa viagem, também como integralista, visitou os núcleos da AIB no Rio. Acompanhou-lhe em suas visitas a esses centros integralistas o jovem Francisco Clementino de San Tiago Dantas, futuro professor das Faculdades Católicas e ministro da fazenda de João Goulart. Em Nova Friburgo, onde havia um forte centro integralista, Helder falou aos jesuítas, tanto padres quanto seminaristas, no auditório do velho Colégio Anchieta onde se encontrava o então estudante, futuro padre e importante intelectual católico ligado à PUC-Rio, Fernando Bastos de Ávila S.J., que tempos depois recorda:

Só me lembro dele, entre os que falaram. Eu, jovem estudante de retórica convencional, fiquei espantado ante o arrebatamento daquela oratória vibrante, daqueles gestos rasgados, abraçando todo o Brasil, simbolizado nos escudos dos diversos Estados da Federação, que ainda lá estão pintados. Vendo aquele corpo frágil, crepitante como uma chama, tive minha primeira sensação do poder da palavra humana. [20]

Ainda não terminara o Congresso quando Helder recebe um inesperado telegrama de Dom Manuel pedindo que voltasse imediatamente para coordenar a campanha da LEC no Ceará. Voltou e envolveu-se na campanha eleitoral seguindo o itinerário que lhe fora passado com a recomendação para que não discutisse as propostas da Igreja, apenas anunciasse os candidatos.

Terminada a jornada da LEC, Helder retraía-se a fim de reduzir um pouco o ritmo acelerado daquele ano e ler um documento que há muito não conseguia devido a seus

inadiáveis e excessivos compromissos, as Diretrizes Integralistas, do Departamento Nacional de Doutrina da Ação Integralista Brasileira. Naquele momento, Helder desejava afastar-se da atividade política de recuperar postos no Estado para a Igreja, e dedicar-se a atividade intelectual e doutrinadora católica e integralista para professores e estudantes, como podemos interpretar quando ele publica, em 25 de outubro de 1935, o documento da AIB que ele lera e apresentava ao leitor, em texto intitulado Diretrizes Sempre Mais Firmes Para o Integralismo. Porém, durante toda a campanha eleitoral, pelas reuniões e comícios que passava, um dos trunfos utilizados por Helder era o fato de ele mesmo não pretender ocupar nenhum cargo público, caso a chapa que ele apoiava ganhasse. Ele afirmava que seu trabalho como lecionista era decorrente das suas convicções, sem ambição pessoal. Contudo, o governador eleito em decorrência do trabalho de Helder pela LEC no Ceará, Menezes Pimentel, consciente do significado que teria se padre Helder estivesse ao seu lado, convidou-o a ocupar a Diretoria de Instrução Pública do Estado, o que foi prontamente negado pelo padre, mas aceito pelo seu arcebispo que, como seu superior na hierarquia, exigia submissão, esta entendida também no sentido de estar na mesma missão que seu arcebispo, isto é, fazia anos que Dom Manuel trabalhava em prol de uma aliança maior com o governo, e o cargo oferecido a Helder estaria dentro da ótica pela qual o arcebispo tanto trabalhou.

Relutante, Helder aceita a proposta, porém cria uma condição: a de que não sofresse ingerências em sua pasta, ou seja, pediu a segurança de que nenhum professor que tivesse votado ou realizado campanha para os candidatos derrotados nas últimas eleições seria perseguido e que nenhum professor em prol do governo recebesse benefícios injustificados. Durante sua atuação governamental Helder consegue mostrar serviço ao público e também à Igreja local, como por exemplo, intercede junto ao governador para que ele regulamente o ensino religioso facultativo em estabelecimentos públicos e realiza o Congresso Regional Católico de Educação. Entretanto, um incidente envolvendo integralistas e a polícia no interior do estado, fora a forma intempestiva e passional com que Helder reage aos problemas de seu novo trabalho, mudariam o rumo dos acontecimentos.

Uma manifestação integralista acontece na cidade de Meruoca e a polícia a reprime fortemente, provocando inclusive a morte de um soldado e de um militante da AIB. O governador aplaude a iniciativa da polícia, mas Helder protesta duramente contra a sua atitude, até mesmo pelas contínuas ingerências em sua pasta por parte de seu superior hierárquico no governo, o Secretário do Interior e da Justiça dr. José Martins Rodrigues, a quem Menezes Pimentel insistia em fazer vistas grossas, não cumprindo com sua palavra. Então, padre Helder pede exoneração do cargo apenas cinco meses depois de sua posse.

Helder tinha noção de que não estava passando por bons momentos na Diretoria de Instrução Pública do Estado, razão pela qual, poucos dias antes de pedir a exoneração, escrevera ao educador Lourenço Filho, com quem já trocava alguma correspondência, pois ocupara esse mesmo cargo no Ceará, comunicando-lhe que não aguentava mais as ingerências em sua pasta. Lourenço era um educador experiente, respeitado e importante no cenário intelectual brasileiro, inclusive, conhecia Helder desde sua infância, quando ele buscava os artigos que seu irmão Gilberto, redator do jornal Correio do Ceará, solicitava ao menino para pegar na sua casa. A relação entre Helder e Lourenço tivera dissabores porque, no auge da militância aguerrida do jovem padre integralista, durante o Congresso Católico de Educação no Rio de Janeiro, Lourenço Filho encontrava-se ao lado dos escolanovistas. Porém, a experiência de Lourenço ajudou-lhe a manter o pragmatismo político e relevar os acintos de Helder, solidarizando-se com as dificuldades encontradas pelo padre.

Logo após apresentar seu pedido de exoneração a Menezes Pimentel, Helder recorre novamente a Lourenço solicitando-lhe um novo emprego na capital do país. Daí por diante eles trocarão alguma correspondência até que Lourenço Filho consegue-lhe uma vaga como

assistente técnico de educação no Instituto de Educação do Distrito Federal, repartição que o próprio Lourenço chefiava, em 1936. Essa vaga era interessante inclusive para o próprio educador, pois a figura de um católico junto à sua equipe poderia lhe proteger da reforma educacional realizada pelo Ministro da Educação e Saúde, Francisco Campos. Tudo acertado com seu amigo no Rio de Janeiro, faltava a Helder apenas a permissão de seu arcebispo Dom Manuel para sua transferência. Para o espanto do padre, Dom Manuel não hesitou em aceitar a proposta e ele mesmo cuidou de sua transferência para a diocese da Capital Federal.

B. UM PADREZINHO CEARENSE NO RIO DE JANEIRO: DO INTEGRALISMO AO MINISTÉRIO CAPANEMA.

Dezesseis de janeiro de 1936 foi a data em que chegou ao Rio de Janeiro o padre cearense, recebido no Palácio São Joaquim com um almoço e a presença de Dom Leme. No dia seguinte, na primeira reunião de trabalho com o vigário-geral da Arquidiocese, Monsenhor Rosalvo Costa Rego, ouvira a exigência do Cardeal Leme de que o partidarismo político por parte dos padres não seria tolerado e a sua militância na AIB deveria ser abandonada. Na perspectiva de Nelson Piletti e Walter Praxedes:

Como Helder estava deprimido com a mudança indesejada para o Rio, magoado com a morte da mãe e fatigado pelos acontecimentos políticos que tanto o haviam aborrecido nos últimos meses, não vacilou em aceitar a exigência de Dom Leme, ainda mais porque já se considerava desencantado com a prática e a doutrina integralistas. Por outro lado, abandonar a AIB por exigência de seu superior era também um ótimo argumento para escapar das pressões dos inúmeros amigos integralistas que não concordariam com seu afastamento. [21]

Padre Helder parece confirmar em entrevista concedida mais tarde quando perguntado sobre o assunto:

Quando eu fui para o Rio de Janeiro, fui convidado a trabalhar na Educação, fui recebido carinhosamente por Dom Leme, mas Monsenhor Rosalvo Costa Rego, que era o Vigário-geral, me disse: ‘Olhe, já sei de todo o carinho com que foi recebido pelo Cardeal, todas as esperanças que ele está pondo neste jovem padre, mas há um preço: é preciso que você abandone o integralismo!’. Aí eu disse a ele: ‘Olhe, eu já vinha estudando, e verifiquei que realmente, realmente, há um grande equívoco. O embate do século não vai ser entre leste e oeste, entre capitalismo e comunismo. É claro que temos de estar sempre alerta para os dois. Porque os capitalisms também têm raízes materialistas. Porque um sistema que põe o lucro como valor supremo é sistema materialista. [22]

Quando chegou, seu amigo, Monsenhor José Quinderé, indicou-lhe a pensão de dona Cecy Cruz, localizada na Rua São Clemente, número 205, ao lado da igreja do Colégio Santo Inácio, dos jesuítas. A casa hospedava muitos filhos de famílias influentes do Ceará e lá irá conhecer pessoas que marcarão sua vida assim como sua passagem pelo Rio de Janeiro.

Em minha perspectiva, a vinda de Helder para o Rio de Janeiro representa um marco biográfico. A cidade, naquele momento histórico, era o centro decisório do país, aqui ele estaria no foco político, portanto, no movimento de restauração católica. Além disso, ele entra em contato pessoal com aqueles que eram seus interlocutores por intermédio da revista A Ordem ou por correspondência. Exemplo desse fato é a sua convivência com Dom Leme, Alceu Amoroso Lima, Sobral Pinto, Everardo Bachheuser, San Tiago Dantas, padre Leonel

Franca, padre Augusto Magne, José Barreto Filho, Miguel Serpa Lopes, Tasso da Silveira, enfim, nomes que estão ou estarão envolvidos com a formulação de um pensamento católico mais aberto, mais preocupado com questões culturais, segundo a linha que começa a ser elaborada por Alceu e com a criação de uma Universidade Católica [23]. As Faculdades Católicas e, mais tarde, a Pontifícia Universidade Católica, serão um espaço de sociabilidade de Helder com esses intelectuais.

Sua estadia na casa de dona Cecy Cruz proporcionou-lhe novas amizades que perdurariam para o resto de sua vida. Lá, no consulado cearense, como a pensão era apelidada por eles, conheceu o padre pernambucano José Távora, seu fiel amigo e companheiro em muitas atividades até os anos de sua velhice. Nairzinha, sobrinha de Dona Cecy, foi uma das primeiras amigas de Helder no Rio. Por intervenção dela, Helder conhece e participa de um seleto grupo de intelectuais que se reuniam com frequência para discutir política, religião, filosofia, teatro, literatura e cinema. Esse círculo contava com pessoas como Fernando Carneiro, José Barreto Filho, Sobral Pinto e San Tiago Dantas (que Helder já conhecera em sua última visita ao Rio). Muito provavelmente, todos já se conheciam de alguma maneira, o que facilitou o entrosamento de Helder.

Fernando Carneiro era um médico cearense que Helder já conhecia de vista e contou com Nair para aproximá-los. Por sua vez, Carneiro, ainda em janeiro de 1936, levou Sobral Pinto à pensão onde Helder estava hospedado, a fim de que se conhecessem. Como Sobral acompanhava de perto a AIB, já tinha conhecimento do jovem padre cearense, apesar de nunca ter aderido ao movimento oficialmente mesmo sendo amigo de Plínio Salgado. Por esta época, Sobral já começava a ser conhecido como defensor da democracia, o que lhe dificultava aceitar um movimento de vocação ditatorial. Sobre a amizade de Helder e Sobral, Piletti e Praxedes assinalam:

O que aliviara um pouco o cansaço provocado pela rotina do trabalho burocrático eram as visitas que quase diariamente recebia do amigo Sobral Pinto. Os dois encontravam-se ao final do expediente, após Sobral deixar o trabalho no fórum, saíam juntos e ficavam horas conversando. [24]

San Tiago Dantas em conversa com o amigo Alceu Amoroso Lima, diz-lhe que participara de uma reunião na qual Helder falara de maneira arrebatadora e perguntou-lhe se os dois já haviam sido apresentados. Então, San Tiago marca uma reunião para os dois se conhecerem pessoalmente pela primeira vez e, quando o faz, Alceu não perde a oportunidade de convocá-lo para ministrar uma palestra na sede do Centro Dom Vital. Aproveitando essa proximidade, Helder pede a Alceu que o ajude a reconciliar-se com Severino Sombra, no que é prontamente atendido pelo líder leigo que resolve a situação abafada pelo tempo.

Mesmo residindo na capital do país, ambiente de vida social intensa, em meio a pessoas que sempre admirou, a tristeza ainda o abatia em decorrência da grande mudança de sua vida nos últimos tempos. Uma solução possível imaginada por Helder para essa situação seria ingressar na ordem dos jesuítas. Pediu que sua amiga Nairzinha lhe apresentasse ao padre Riou, provincial dos jesuítas no Rio, a quem pediu permissão para entrar na Companhia de Jesus. Porém, padre Riou sabendo da trajetória política de Helder no movimento integralista, encaminhou-o para uma conversa com o padre Leonel Franca, que convenceu-lhe de seu equívoco, mas solidarizou-se com o jovem e ofereceu sua orientação espiritual. Seu círculo de amizades no Rio e o encontro com o futuro Reitor das Faculdades Católicas, primeiro nome da futura PUC-Rio, teciam assim a trama de relações e de interlocução intelectual que consolidaria quando passou a integrar o grupo de professores fundadores da Universidade.

O primeiro trabalho profissional de Helder no Rio de Janeiro foi assessorar Lourenço Filho no Instituto de Educação do Distrito Federal. Porém, ele não se sentia plenamente satisfeito em sua posição, que era eminentemente técnica. Como não havia outra escolha, Helder ficou por mais alguns meses junto a Lourenço, até que seu amigo Everardo Bachheuser, após tratar diretamente com Lourenço Filho, consegue organizar sua transferência para assumir a chefia da Seção de Medidas e Programas do Instituto que o próprio Bachheuser dirigia, órgão vinculado à Secretaria de Educação do Rio de Janeiro. Essas posições em cargos oficiais que Helder ocupava não se atinham apenas às atribuições profissionais, seu emprego era também uma posição política ocupada estrategicamente pela Igreja para colaborar nos objetivos seculares católicos.

Nessa época, houve um concurso no Ministério de Educação e Saúde para técnico em educação. Assim que soube, Helder pediu a Dom Leme que o autorizasse prestá-lo, a fim de satisfazer-se pessoalmente, pois seus últimos empregos foram conseguidos através de mediações, e esse poderia lhe garantir autonomia e a conquista de conseguir mais um posto no Ministério da Educação em que desde 1934 a Igreja possuía muita influência na pessoa do ministro Gustavo Capanema, também ele orientado espiritualmente pelo jesuíta Padre Franca. O Cardeal Leme então autoriza padre Helder a prestar o concurso e, em quatorze de fevereiro de 1939, foi publicada no Diário Oficial sua aprovação para a chefia da Seção de Inquiridos e Pesquisas do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), presidido por Lourenço Filho.

Vale-nos a análise de um episódio em particular, indicativo de que a mudança de Helder não foi apenas geográfica, mas também de pensamento. Depois de algum tempo já em seu novo emprego, Helder pede a Alceu que interceda junto a Dom Leme para que possa pedir exoneração de seu cargo no Ministério da Educação. O jovem padre agora concebe para si a missão de dedicar-se exclusivamente às atividades sacerdotais, ou seja, em sua opinião, ele tomaria o cargo que um leigo ocuparia com competência. Dom Leme nega-lhe a autorização argumentando que a Igreja necessitava dele exatamente onde ele estava e a sua presença lá era fundamental, pois poderia obter informações oficiais mais rapidamente que outras pessoas e interceder em favor dos interesses católicos junto ao governo. Helder permanece em seu posto e demonstra que o Cardeal Leme estava correto a respeito de sua presença e importância naquela instância política. Instruído por Alceu, tratou diretamente com o ministro Gustavo Capanema, em 1941, sobre o interesse dos católicos em inspecionar as escolas normais e ter autonomia para atuar nos estabelecimentos confessionais. Também, atuou como articulador para garantir os interesses católicos na oferta de ensino secundário e ajudou a organizar o III Congresso Católico Nacional de Educação. Padre Helder,

Além de se envolver com esses problemas na Secretaria de Educação do Distrito Federal e, depois, no Ministério da Educação, (...) mantinha uma intensa atividade intelectual e apostólica como redator-chefe da Revista Brasileira de Pedagogia (de existência efêmera em razão da falta de fundos), dirigida por Everardo Backheuser, como membro do Conselho Arquidiocesano do Ensino Religioso e assistente eclesiástico do Secretariado de Educação da recém-criada Ação Católica Brasileira. Ainda encontrava disposição para escrever artigo para as revistas A Ordem, do Centro Dom Vital, e Formação do Ministério de Educação, e, a partir de 1942, acrescenta à sua agenda algumas aulas de Didática Geral nas Faculdades Católicas, transformadas na PUC do Rio de Janeiro, e na Faculdade de Filosofia do Instituto Santa Úrsula. [25]

A partir de 1942, a ditadura de Getúlio Vargas começa a entrar em decadência, as forças armadas deixam de apoiar o governo, cresce também o movimento de luta pela democratização do país, inspirado nas iniciativas dos aliados contra os regimes fascistas europeus e pela atuação dos pracinhas da Força Expedicionária Brasileira na Itália. Para muitos brasileiros daquele período as coisas tornaram-se contraditórias, não fazia sentido aplaudir o fim das ditaduras de além-mar enquanto aqui aconteciam prisões, torturas, deportações, censura à imprensa e proibição de partidos políticos. Padre Helder, agora não mais integralista, consegue perceber as transformações e mudanças políticas pelas quais o Brasil e o mundo passavam, e a efervescência política na capital lhe facilitava isso. Ele assiste de perto o crescimento do movimento democrático e já não mais disfarça seu gosto por ele. Nesse sentido, contou com seus amigos que eram interlocutores próximos, como Alceu Amoroso Lima e Sobral Pinto.

Consta que em agosto de 1942 Helder assiste a uma palestra de Sobral na Ordem dos Advogados do Brasil [26] para comemorar o centenário da organização. Neste evento, padre Helder assiste de perto seu amigo atacar a ditadura do Estado Novo e a cultura autoritária existente no Brasil, a partir da ótica da democracia. Além disso, ele continua a acompanhar os escritos de um pensador francês que lhe será apresentado primeiramente através do livro Humanismo Integral, no qual defende as posições de um cristianismo mais democrático, emprestado por Alceu no mesmo ano em que chegara ao Rio. Também conhecia o pensamento desse teólogo através de outro livro, o Cristianismo e Democracia. Além de Helder ter-se tornado amigo e interlocutor intelectual de Alceu Amoroso Lima, que começa a adotar uma nova perspectiva de catolicismo distinta daquela de Jackson de Figueiredo, será Alceu o responsável por apresentar a Helder e toda uma geração de católicos intelectuais, esse autor francês que marcará profundamente seus pensamentos, Jacques Maritain, de quem foi o introdutor no país.

O discurso que Helder realizou como paraninfo dos formandos da Faculdade de Filosofia das Faculdades Católicas em 1944, quando o mundo ainda estava em guerra, é elucidativo de sua nova concepção de cristianismo:

Para os estudiosos da marcha da cavalgada humana, os dias próximos encerram particular sedução.

Parece afastada, em definitiva, a hipótese de uma vitória nazista sobre o mundo.

Vencerão os aliados. Mas, mesmo assim, o humanismo cristão vai ter necessidade de manter-se a postos, de apelar para todas as suas energias naturais e sobrenaturais, para toda a sua capacidade de assimilação.

A Nova Ordem a implantar no mundo ou será cristã, ou não será ordem, nem dará aos homens a sonhada felicidade.

As democracias irão vencer, lado a lado com a Rússia Soviética.

O humanista cristão não treme diante desse pensamento, como não treme diante de pensamento algum. Mesmo que o nazismo tivesse vencido, todos passaríamos dias amargos, mas a vitória final – a História o atesta – caberia ao pensamento cristão. [27]

Já professor da Universidade que em breve se tornará a PUC-Rio, e o fato de ser escolhido como paraninfo de uma turma de formandos indica ser um professor querido por seus alunos, Helder Câmara guarda ainda alguma de suas antigas ideias, mas parece ter assumido outros valores e outra referência básica. Permanecem, em relação a suas convicções

dos tempos cearenses, a ênfase no tema da ordem e a convicção de que “a Nova Ordem a implantar no mundo ou será cristã, ou não será ordem, nem dará aos homens a sonhada felicidade”. Mas o ex-líder integralista se congratula com a vitória dos aliados sobre o nazismo – que já antecipa -, afirma a democracia como um valor, e parece não se assustar tanto como antes com a Rússia Soviética. Mas, sobretudo, alude – por duas vezes nos parágrafos transcritos – a nova referencia intelectual que passará a servir-lhe de Norte: o “humanismo cristão”, cujas fronteiras e conteúdo ele ajudará a ampliar pela vida a fora.

C. IGREJA E TEMPOS DIFÍCEIS.

D. Leme foi, como vimos, figura central na vida eclesial brasileira nas décadas de 30 e 40 do século passado. Sebastião Leme da Silveira Cintra, nascido no ano de 1882, ingressou no Seminário Menor Diocesano de São Paulo em 1894. Devido à sua habilidade nos estudos, o bispo diocesano, Dom Arcoverde, em 1896, envia-o para o Pontifício Colégio Pio Latino-Americano e, depois, para a Pontifícia Universidade Gregoriana. Ambas as instituições, neste momento de apogeu da política de Leão XIII, estão sob a direção dos jesuítas, o que atesta a efetividade da ação do papado na iniciativa de restauração da Igreja a partir da ação dos jesuítas e da romanização do clero. Nessas circunstâncias, fica evidente que a formação recebida por Sebastião Leme será pautada pelos ideais católicos reformadores, por vezes de acentuados matizes ultramontanos, daquele tempo. Em 1904, de volta ao Brasil, no mesmo ano é ordenado sacerdote e começa a atuar em São Paulo. No final da década de 1910 ele será designado bispo coadjutor de Dom Arcoverde, no Rio de Janeiro, e em meados de 1911 vai à Roma para ser sagrado bispo pelo Papa, outro indício da efetividade e aplicação da política restauradora propugnada pelo papado.

A data de 26 de abril de 1916 é o dia em que a Santa Sé o nomeia Arcebispo de Olinda e Recife, sendo o 16 de julho a data de sua posse e o dia em que irá ler a sua Carta Pastoral de saudação a seus arqui-diocesanos. Este será um documento de fundamental importância, porque demonstrará como ele enxergava a situação da Igreja não somente em sua arquidiocese, mas no Brasil, e a visão que orientará a presença da instituição nesta nova fase histórica. A importância dela também se dá por evidenciar qual era a percepção que a hierarquia eclesial tinha a respeito da religião do povo e o tipo de posicionamento que o catolicismo desse momento tomará em meio a sociedade.

Logo na introdução da Carta, Dom Leme elenca os males, os problemas e a solução para a Igreja brasileira. Primeiro ele destaca o mal principal que a assola, o fato de que grande parte da população é católica apenas no que diz respeito às tradições e aos nomes, ou seja, o povo é visto como religiosamente ignorante e não tem a base doutrinária legitimada pela hierarquia, o que impedia-o de representar o catolicismo na sociedade. Essa representação será realizada pela elite intelectual católica do país. Como afirma Flávia de Almeida Viveiros de Castro:

A Carta Pastoral combate a falta de instrução religiosa, como a principal causa do indiferentismo e da inércia dos católicos. Era urgente combater o catolicismo ‘de sentimento’ e basear a fé num conhecimento aprofundado dos ensinamentos cristãos. A carta criticava abertamente o comportamento católico dos homens públicos de então e afirmava: ‘Na engrenagem do Brasil oficial não vemos uma só manifestação de vida católica... somos uma maioria (católica) que não cumpre os seus deveres sociais. Somos pois uma maioria ineficiente’. [28]

Para Dom Leme, a principal causa desse quadro desfavorável à Igreja era a falta de ensino religioso. Em suas próprias palavras: “Qual é, pois, o supremo remédio para sanar e

prevenir o grande mal da ignorância religiosa”? Ele mesmo responde: “A instrução religiosa: eis a grande salvação.” [29]. Nas camadas populares, dizia ele, reina o sentimento religioso baseado em superstições, enquanto nas camadas intelectuais percebe-se a ignorância ou a indiferença religiosa. Desse modo de interpretar a realidade, Dom Leme, segundo Alípio Casali, desdobra mais seis pontos que definem uma espécie de plano de ação. São eles: a necessidade urgente de instrução religiosa; a utilização da pregação como veículo indispensável para tal objetivo; o exercício da leitura é meio precioso; o primeiro e principal lugar da educação é o lar; a escola também é espaço para instrução religiosa e reforço do catecismo. A questão da educação para Dom Leme é crucial. Sobre a escola e o ensino superior ele afirma:

O ensino leigo está em flagrante contradição com os sentimentos do povo. (...) Embora separado da Igreja, o Estado não tem direito a proibir o ensino religioso nas Escolas públicas.

A nós católicos (...) se impõe o dever de darmos os passos necessários para que à mocidade estudiosa se abram Escolas Superiores francamente católicas. Temos o exemplo das nações civilizadas do mundo (...). Por que não as temos no Brasil? (...) Quem nos dera ver levantar-se no Brasil uma irmã da Universidade de Louvânia!. [30]

Esta Carta Pastoral, em que já se esboça o desejo de fundação de uma Universidade Católica que se espelhasse no modelo da Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, converteu-se em uma referência doutrinária na história da Igreja no Brasil, pois foi prenúncio do abrangente movimento de restauração católica do país, irradiado a partir do Rio de Janeiro e liderado por Dom Sebastião Leme. Os mais importantes programas de Restauração Católica do país já estão prescritos nesta carta: a mobilização da Ação Católica; a luta constitucional pelo ensino religioso e pelas prerrogativas católicas; e a criação de escolas católicas em todos os níveis, especialmente a Universidade Católica.

Segundo Tânia Salem, para que os católicos convertam-se em força influente nos destinos da nação e salvaguardem a nacionalidade, Dom Leme recorre à necessidade de revigorar os laços entre leigos e hierarcas para que, juntos, ainda que os leigos estejam sob clara subordinação aos hierarcas, assumam a ação católica na sociedade. O recrutamento de intelectuais foi sugerido como estratégia básica para propagar essa ação combatendo as bases agnósticas e laicistas do regime e disseminando as ideias cristãs pela sociedade e suas instituições.

Quando Dom Leme, em 1921, transfere-se para a capital do país a fim de assumir o cargo de bispo coadjutor, com direito à sucessão do Cardeal Arcoverde, ele começa empenhar-se em ações efetivas no movimento de Restauração Católica na linha do que foi escrito em sua Carta Pastoral ao assumir sua primeira diocese, a de Olinda e Recife. No mesmo ano em que chega ao Rio de Janeiro, apenas alguns meses depois, Sebastião Leme apoia o lançamento da Revista A Ordem. Esta revista representará, conforme já visto, o grupo católico mais expressivo dentro da ampla ação restauradora da Igreja promovida por ele. Jackson de Figueiredo, seu diretor e discípulo, imprimiu na revista uma visão apologética, nacionalista, empenhadamente doutrinária, que possuía a noção de um catolicismo integral. A cerca da cosmovisão da Revista em seus primeiros anos sob a sua liderança, Tania Salem declara:

(...) apoiava-se no suposto da existência de uma verdade tida como eterna, imutável e essencial. Dessa perspectiva ahistórica decorria seu desprezo por fatores sociais, econômicos e políticos – ou melhor, sua redução a um problema de caráter moral. Associado a essa

concepção estática e defendendo a desigualdade entre os homens como um dado natural, essas correntes de pensamento tinham como fulcro a sacralização da ordem, da hierarquia e da autoridade. Cultuando o passado e a tradição, insurgiram contra qualquer tipo de revolução, enquanto manifestação que contrariava o status quo. Os tradicionalistas desembocaram em um nacionalismo exacerbado e condenavam as ideologias e os regimes liberais e democráticos como insufladores da anarquia e da subversão à ‘ordem natural’ do mundo.

[31]

Sob uma perspectiva mais ampliada, a Igreja é vista como a instituição que promove a estabilidade e a ordem no mundo. Nesse contexto, tanto a Revista A Ordem, quanto, mais tarde, o Centro Dom Vital, planejavam reordenar o catolicismo do país, de forma mais unitária, sob o prisma das diretrizes dadas por Roma, como resposta às tendências liberais, positivistas, socialistas e modernistas em avanço, vistas pela igreja católica de então como ameaças. Alípio Casali atesta:

A revista A Ordem evidencia, ao longo de sua publicação, um permanente esforço em circunscrever o seu ideário em termos de doutrina, e reproduz com clareza todos os movimentos políticos do grupo católico, em seu indisfarçável esforço de alcançar sua influência no campo da Sociedade Civil e recuperar prestígio e poder diretamente junto ao Governo, sobretudo nos anos mais próximos antecedentes à Constituinte de 1934. [32]

Para Jackson de Figueiredo, a única saída eficaz para exorcizar a onda revolucionária que se espalhava pelo mundo, seria através de uma reação espiritual. Para ele, a consolidação da nacionalidade dependia de um substrato moral comum entre os indivíduos e, para isso, identificava a nacionalidade brasileira com os valores católicos. O cristianismo católico seria, portanto, o fator aglutinador da sociedade civil no combate ao pluralismo político.

A chegada de Dom Leme ao Rio de Janeiro não poderia ter sido mais propícia para o que, então, era visto como o modelo ideal de ação eclesial. No mesmo ano em que chegou, a Revista A Ordem foi lançada; em Milão, a Università Cattolica Del Sacro Cuore foi inaugurada e servirá de grande incentivo à criação de uma Universidade Católica no Brasil, além de, em Roma, Pio XI avançar seu pontificado sob perspectiva conciliadora; no Brasil o cenário político-econômico propiciava que qualquer ideia, ainda que religiosa, de cunho nacionalista e desenvolvimentista florescesse.

Em 1922 seria comemorado o centenário da Independência e a Primeira República mostraria todos os sinais de crise. Já desde o fim da Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) o modelo econômico e social oligárquico-rural, com a predominância da economia cafeeira, enfraquecia: a guerra diminuiu os vínculos de dependência externa forçando o Brasil a industrializar-se produzindo mais bens de consumo internamente, a fim de substituir importações. O pacto oligárquico começava a demonstrar desgaste, a pressão crescente das novas camadas sociais, sobretudo do operariado e dos industriais, evidenciava e estimulava a fraqueza do regime político vigente. O cenário brasileiro nas décadas de 1910 e 1920, especialmente, viu-se palco de uma intensa mobilização da sociedade civil. Um novo ambiente de insatisfação e busca por novas alternativas se mostrava. As camadas urbanas organizam-se em partidos estaduais e movimentos político-sociais que buscavam impor seus projetos e demandas, visando ou a conservação ou a reformulação da ordem social existente. Esses movimentos sociais e efervescência ideológica manifestam-se, por exemplo, nas oligarquias rurais que estavam insatisfeitas e pressionavam politicamente o governo, ao

mesmo tempo em que os trabalhadores urbanos faziam suas primeiras greves de cunho operário. Neste mesmo ano nasce o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que catalisava as insatisfações sociais em torno de um projeto político diverso para o país; o ambiente da cultura e da arte mostrou seu desejo de ruptura através, sobre tudo, da Semana de Arte Moderna em São Paulo e afloram conflitos internos no segmento militar, como evidencia a Revolta do Forte de Copacabana e o movimento tenentista. Acerca disso, Tânia Salem salienta:

Esses grupos descontentes ignoravam ou excluíaam a Igreja de seus programas e soluções. Como assinala Iglésias, as camadas mais importantes da intelectualidade brasileira provinham, nesse momento, de círculos positivistas, evolucionistas, ou, pelo menos, indiferentes ao catolicismo (1971, p.132). Diante desse cenário em convulsão e sob ameaça de se ver marginalizada do processo político nacional, as cúpulas eclesiástica e leiga deslancham uma estratégia de autodefesa e se organizam dando início ao que se convencionou chamar de 'reação católica'. Esse movimento assumiu posição de destaque no contexto brasileiro a partir dos anos 20, configurando-se em um importante núcleo aglutinador da sociedade civil, ainda que restrito, basicamente, aos estratos médios e superiores. [33]

Percebendo que esses conflitos em busca de hegemonia deixavam espaços vazios, a Igreja introduz seus projetos nesses espaços aplicando rapidamente sua estratégia de, simultaneamente, mobilizar intelectuais e camadas mais populares. Dom Leme logo organiza o Congresso Eucarístico Nacional no Rio de Janeiro em 1922 como um primeiro grande evento de aspecto propagador de seus ideais. Ao final do evento, uma Carta Pastoral foi assinada pelos bispos presentes onde se lamentavam sobre a vigente separação entre Estado e Igreja ao mesmo tempo em que aplaudiam a República e procuravam demonstrar espírito cívico de brasilidade. Segundo Riolando Azzi, mais forte ainda foi o discurso de Dom Leme ao encerrar o Congresso:

O povo brasileiro já não suporta o peso de uma política agnóstica, sem princípios, sem fé e sem ideal. Que o Senhor dos milagres ilumine a consciência dos nossos homens, que o Senhor conserve e suscite os homens sérios, os homens retos, os homens de juízo, que nada mais precisa o Brasil para ser a nação mais rica e mais poderosa do mundo. [34]

Apelos simbólicos foram impactantes: no dia 4 de abril de 1922, a pedra fundamental do monumento ao Cristo Redentor foi lançada em uma das montanhas mais altas do Rio de Janeiro, o Corcovado, explicitando a implantação de Cristo no coração da capital do país; não menos impactante foi o desfile de Dom Leme ao lado do presidente Epitácio Pessoa em carro aberto pelas ruas da capital no dia 20 de abril, algo inesperado em uma situação constitucional de separação entre Estado e Igreja. Ainda em 1922, visando às camadas intelectuais, Dom Leme prepara duas iniciativas de grande repercussão, a criação do Centro Dom Vital, que tinha o objetivo de ser: “uma sociedade que se propõe a ajudar o Episcopado brasileiro na obra de recatolização de nossa intelectualidade.” [35], sendo assim a entidade jurídica que abrigava as atividades da revista A Ordem, e a fundação da Confederação Católica do Rio de Janeiro que tinha como propósito coordenar todas as organizações eclesiásticas na cidade e incentivar a ação de católicos inoperantes. Com isso, Dom Leme cria um modelo de organização pastoral centralizada em sua figura.

No ano seguinte ele realiza o Congresso Nacional do Apostolado da Oração, evento que foi paradigmático na substituição, aos poucos, do catolicismo medieval de cunho leigo, devocional e familiar, por um catolicismo mais clerical, sacramental e enfático no aspecto doutrinário da fé. Logo depois, publica um opúsculo denominado A Ação Católica, com o objetivo de homogeneizar essa noção entre as dioceses do país e apresentar os objetos e as normas que a regulariam.

Ainda neste âmbito, algumas palavras sobre o Centro Dom Vital são dignas de nota. O Centro consolidava parte de dois anseios de intervenção católica no cenário intelectual brasileiro daquele momento. Por um lado, o desejo da figura eclesiástica brasileira mais importante, Dom Leme, de recrutar um grande número de intelectuais para defender as teses da Igreja em território nacional. Por outro lado, Jackson de Figueiredo, em sua tentativa de fazer da revista A Ordem o lugar de defesa de um nacionalismo que reclamasse a tradição católica brasileira e condenasse irrestritamente as revoltas sociais e o modernismo literário daqueles dias. Mais tarde, a passagem da direção de Jackson de Figueiredo para Alceu Amoroso Lima, apesar de acidental, significou uma importante mudança de orientação da revista, de um caráter explicitamente doutrinário, político e religioso, ela passa a abordar, com o tempo, questões predominantemente culturais. Chegou-se, inclusive, a expressar formalmente essa mudança através da alteração dos Estatutos do Centro Dom Vital. Seus objetivos aparecerão explicitamente reformulados, por ocasião da mudança de líder, e destacarão a meta de formação do núcleo da futura Universidade Católica, como se segue:

Artigo 2º - O Centro D. Vital do Rio de Janeiro tem por fim desenvolver, por todos os meios intelectuais legítimos, a cultura católica superior entre nós, realizando o seguinte programa:

Parágrafo 1º: Organização de cursos de Teologia, Filosofia, Ciência, História da Igreja etc., que sejam o núcleo da nossa futura Universidade Católica. [36]

Contudo, é necessário destacar que Alceu Amoroso Lima foi influenciado por Jackson de Figueiredo, sobretudo no período de sua conversão ao catolicismo. Não é correto, portanto, afirmar que a Revista e o Centro assumem uma orientação radicalmente diferente daquela inicial imediatamente depois da mudança de líder. De fato, nos dez anos seguintes depois de sua posse, Alceu assumiu uma postura autoritária, baseada no culto à disciplina e à ordem. Somente na segunda metade da década de 1930 seu pensamento tradicionalista, herdado de Jackson, atenua-se e intelectuais como Jacques Maritain, Thomas Merton e Theillard de Chardin ganham espaço em seu pensamento e provocam nele convicções mais liberais sobre um catolicismo mais comprometido com as reformas sociais. Como perceberemos adiante, após 1934 a revista A Ordem retratará a Igreja em relativa calma, se comparada aos anos anteriores. Principalmente em decorrência das conquistas da Liga Eleitoral Católica na Constituinte de 1934 e com o sucesso da instalação do Instituto Católico de Estudos Superiores, em 1932. Com isso, a Revista sob a liderança do leigo Alceu, acomodar-se-á ao tom da moderação e debaterá outros temas, abrindo sua perspectiva para novos assuntos que se impunham.

Em 1924, por ocasião do jubileu sacerdotal do Cardeal Arcoverde, alguns eventos protocolares ultrapassaram a dimensão da formalidade e tornam-se expressivos naquele contexto de forte aproximação entre Igreja e Estado. Com essa reconciliação cada vez mais evidente, Dom Leme se aproveita dos bons contatos mantidos com o Governo e sugere uma Emenda Constitucional que reconheceria oficialmente a religião católica como a fé do povo. Porém, o presidente Arthur Bernardes negou, ao passo que Dom Leme entendeu que a disputa agora deveria se dar no campo da sociedade civil.

Quando, em 1928, Jackson de Figueiredo morre, a tendência integralista da revista A Ordem, atenuada já desde 1926, perde seu importante difusor. Dom Leme, então, mobiliza Alceu Amoroso Lima, um recém convertido de fortes influências jesuíticas, que era discípulo intelectual do Padre Leonel Franca, S.J., para dirigir a Revista e o Centro Dom Vital, tal como Jackson o fizera. Alceu relata a

(...) sua resistência inicial em aceder ao convite e a decisão de aceitá-lo é por ele interpretada como um 'dever' para com o amigo morto e seu ideário.

Ainda que destacando a influência póstuma de Jackson de Figueiredo sobre sua personalidade, o fato é que, ao concordar em assumir a presidência, Alceu impõe como condição 'afastar o centro totalmente da política militante ou partidária'. [37]

Em 1929, vale mencionar, Dom Leme cria a Coligação Católica Brasileira, responsável pela coordenação da ação católica das Confederações Católicas Diocesanas, a Imprensa Católica, as Bibliotecas e Livrarias Católicas, os operários Católicos, as Equipes Sociais (futuramente JOC), a Associação de Universitários Católicos (futura JUC) e outras entidades que seriam criadas. Neste mesmo ano morre o Cardeal Arcoverde e, cumprindo o acordo de sucessão cardinalícia, Dom Leme é nomeado Cardeal do Rio de Janeiro, quando vai à Roma para receber o título cardinalício das mãos do Papa, em 1930. Ao retornar, ele depara-se com o clima de golpe, e, junto ao presidente Washington Luís, interviu para que a violência fosse evitada e o presidente deixasse o cargo sem reagir.

No governo provisório de Getúlio Vargas, o cardeal do Rio desfrutou de dois contatos importantíssimos. Primeiro, a amizade do presidente com o padre jesuíta Leonel Franca; segundo, a proximidade que ele mesmo tinha com o Ministro da Educação e da Saúde, Francisco Campos. Devido a essa articulação, a Igreja conseguiu, em 1931, no âmbito da Reforma Francisco Campos na educação, o decreto nº 19.941 (30/04/31), que permitia tornar o ensino religioso facultativo em escolas públicas. Para este ano, Dom Leme organizou uma série de manifestações públicas como a coroação de Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil e a inauguração da estátua do Cristo Redentor, ocasião em que foram entregues ao presidente as reivindicações católicas para a próxima Carta Constitucional. E, no ano que se seguiu, ele inaugurou o Instituto Católico de Estudos Superiores, um núcleo da futura Universidade Católica, sua criação mais desejada. Como assinala Tânia Salem:

A derrocada da Primeira República forneceu à Igreja uma situação propícia para suplantar o ostracismo a que tinha sido relegada pela Constituição de 1891, de inspiração positivista. A debilidade endêmica da ordem política instaurada no país com a Revolução de 30 converteu-a em uma força social de peso para a legitimação do novo arranjo de poder. Como ficará evidenciado, a questão educacional se configurou, no período, em um importante elemento de barganha que viabilizou a reaproximação entre a Igreja e o Estado. Assim, foi nesse segundo momento que as lideranças leigas e eclesiais, em troca do suporte ao regime, conseguem ver realizadas algumas de suas demandas centrais no setor do ensino. Além disso, a crescente estruturação e afirmação alcançadas pelo movimento católico nessa etapa permitiram também que o grupo empreendesse, em caráter particular, iniciativas relevantes no campo da educação superior. [38]

O êxito da Liga Eleitoral Católica pode ser comprovado na aprovação das principais propostas católicas para a Carta Constitucional de 1934, a saber: ensino religioso de presença facultativa em todos os níveis escolares e a indissolubilidade matrimonial. Ainda neste ano, o Papa aprova os estatutos para a Ação Católica no Brasil e Dom Leme prepara um gesto simbólico muito expressivo: a promulgação coletiva dos estatutos da Ação Católica, em 1935, para todas as dioceses do país e a nomeação de Alceu Amoroso Lima como dirigente nacional e do Padre Leonel Franca S.J. como seu assistente espiritual.

Finalmente, em 1939, com a aprovação de Pio XI, Cardeal Leme coroa sua grande empreitada restauradora com o Concílio Plenário Brasileiro realizado no Rio de Janeiro. O objetivo era, junto aos bispos de todas as dioceses do país, projetar estratégias de consolidação das iniciativas restauradoras implantadas até então. Ao término do Concílio, em 20 de janeiro de 1939, os bispos publicam uma Carta Pastoral, muito na linha ainda da Carta Pastoral de 1916 escrita por D. Leme, sobretudo no que diz respeito à necessidade de formação religiosa do povo e, conseqüentemente, a ênfase no aumento em quantidade e qualidade de Escolas Católicas de todos os níveis. O Concílio foi a coroação do movimento de restauração católica no Brasil ao mesmo tempo em que representou o fechamento de mais um ciclo da história da Igreja nacional, “o ponto alto da Romanização da Igreja no Brasil e seu enquadramento no espírito tridentino e ultramontano.” [39]

O fechamento desse ciclo restaurador não foi distante temporalmente de outro evento divisor para a história da Igreja no Brasil: a morte de Dom Leme em 1942, logo após a inauguração de sua mais desejada realização: as Faculdades Católicas, em 1941. De fato, a Carta Pastoral do Concílio Plenário Brasileiro pontuou ao final o projeto de sua construção, concluindo: “A fundação da Universidade Católica será a glória de nossa geração” [40]. Entendemos, então, que a criação da Universidade Católica é o coroamento do empenho da Igreja em marcar sua presença na educação superior no Brasil.

Conclusão

O trabalho mostrou que Helder, homem de seu tempo, estava imerso no contexto eclesial e político das décadas de 1930 e 1940. Por isso me debrucei sobre a análise de alguns episódios e passagens de sua vida, contidas na biografia produzida por Nelson Piletti e Walter Praxedes, que explicitavam sua presença em meio àquele ambiente. Sendo assim, evitando a armadilha da “ilusão biográfica”, delineeí sua formação intelectual; sua participação na Ação Integralista Brasileira; seu engajamento político nos campos de interesse da Igreja; como sendo acontecimentos compreendidos pelo movimento restaurador católico e correspondidos por ele como alguém que discerniu o tempo e empenhou no presente seu conjunto de crenças. Além disso, aponteí sua vinda para o Rio de Janeiro como um importante marco biográfico, pois será na capital do país que ele abandonará suas convicções integralistas e irá conviver pessoalmente com aqueles que eram seus interlocutores por meio da revista *A Ordem* e que constituíram sua rede intelectual de interlocução. Com eles conviverá de perto nos primeiros anos de funcionamento das Faculdades Católicas, instituição que representou um espaço de sociabilidade entre ele e outros intelectuais que, a partir da década de 1940, serão responsáveis pela elaboração de um pensamento e ação católicos mais moderado, aberto e democrático no Brasil.

Para demonstrar que as Faculdades Católicas foram um lugar representativo de convívio entre o padre secular cearense, (vale constar, o único padre secular da Instituição até aquele momento, em um total de sete sacerdotes que compunham o corpo docente das

Faculdades Católicas) e uma gama de intelectuais católicos leigos (tanto aqueles responsáveis pelo pensamento cristão mais democrático e cultural, quanto aqueles de orientação integralista, portanto, de caráter mais político), detive-me na análise de

(...) *dados marginais, considerados reveladores. Desse modo, pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, 'baixos', forneciam a chave para aceder aos produtos elevados do espírito humano (...).* [41]

Nesse sentido, o Registro de Professores e Auxiliares da Administração Escolar, um livro manuscrito do qual constam dados pessoais e funcionais – inclusive o salário recebido - de cada um dos professores fundadores das Faculdades Católicas e que hoje pertence ao acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio e os Anuários das Faculdades Católicas [42], foram os documentos que me permitiram ter acesso às poucas e pontuais informações existentes sobre Helder Câmara, professor das Faculdades Católicas, e sobre o corpo docente que formava a instituição naquele período e, sobre elas, construir tal interpretação.

42



Nome *Padre Helder Pessoa Camara*

Filiação { Pai *João Camara Filho*
Mãe *Adelaide Rodrigues Pessoa Camara*

Nascimento { Data *7 de Fevereiro de 1909*
Lugar *Fortaleza (Estado do Ceará)*

Nacionalidade *Brasileira*

Quando estrangeiro { E casado com brasileira? *em*
Tem filhos brasileiros? *em*
Data em que chegou ao Brasil *em*
Carteira de Identidade modelo n.º 19, n.º *em*

Residência *Rua Voluntarios da Patria, 34 (casa 19)*

Nome dos beneficiários *Funcionários do Ministerio de Educação e Saúde*

Numero do registro profissional *492.747* Carteira Profissional *em* Série *em*

Carteira Sindical n.º *em* Carteira Reservista n.º *12.637* Carteira do Instituto ou Caixa de Aposentadorias e Pensões n.º *221.606* Categorial *Contrat.º* Função *Ad. Escolar*

Vencimentos *25 \$ 000* (vinte e cinco mil sus pro.)

Fôrma de pagamento *mensal* Comissões *avida dada*

Utilidades \$ *em* Gorjetas ou Gratificações \$ *em*

Horario normal de trabalho: das *oito* às *onze* horas, com o intervalo de *20 minutos* para refeição e descanso.

Data da admissão *14* de *Março* de 19*42*

Rio de Janeiro, *18* de *Agosto* de 19*42*

Helder Pessoa Camara
(Assinatura *em*)

Data da saída de *em* de 19*42*

(Assinatura *em*)

Polegar Direito

Ficha cadastral de padre Helder Pessoa Camara nas Faculdades Católicas. 1942. Acervo do Núcleo de Memória.

Por meio de minha análise, percebi que a relação de Helder Camara com as Faculdades Católicas se concretiza em sua inclusão no corpo de professores fundadores da Universidade que viria a tornar-se a PUC-Rio. Mas ela responde a algo que antecede sua vinda para o Rio e à fundação da Universidade: sua formação embebida no clima eclesial que desejava uma presença institucional mais atuante da igreja católica na sociedade, a recuperação de seu protagonismo político e, sobretudo, um lugar mais proeminente na educação em todos os níveis, já que era a educação a arena das grandes disputas da época.

No ambiente de acirramento de posições e disputas que caracterizava o cenário político de então, o ingresso de Helder Câmara por concurso como técnico do Ministério da Educação e sua presença como professor das Faculdades Católicas não deixam de sinalizar as duas vertentes do projeto político da igreja católica de então: a presença de católicos capacitados nas estruturas do Estado e a construção de um universo à parte, paralelo às escolas e universidades públicas e católico por definição e por natureza: as escolas confessionais e a fundação de uma Universidade Católica para o Brasil, concretização do sonho da criação de agências de formação de elites intelectuais católicas ilustradas, ativas e afinadas com a hierarquia eclesiástica, agentes multiplicadores na esfera pública como na esfera privada de um catolicismo romanizado e fortalecido, criadores, talvez, de uma nova cristandade. Esses não deixavam de ser os sonhos do jovem padre do Ceará, ainda que no Rio esses sonhos percam seus contornos integralistas e ganhem um colorido humanista.

Nas Faculdades Católicas recém fundadas, o Padre Helder Camara ampliará e aprofundará diálogos já iniciados em seus tempos de jovem padre em Fortaleza, como aquele das primeiras cartas trocadas com Alceu Amoroso Lima, ou aquele outro constituído pela leitura dos escritos do padre Leonel Franca S.J., que virá a ser no Rio de Janeiro seu interlocutor próximo, seu Reitor e, conforme indícios ainda não comprovados, em algum momento seu diretor espiritual. Também, nas Faculdades Católicas consolidará seus diálogos com novas amizades feitas no Rio de Janeiro, tais como Heráclito Sobral Pinto, Santiago Dantas, Lourenço Filho, Alceu Amoroso Lima e tantos outros. Muitos deles nos olham hoje dos retratos colados nas páginas manuscritas e amarelecidas do Registro de Professores e Auxiliares da Administração Escolar dos primeiros tempos das Faculdades Católicas. Todos eles fazem parte das páginas da história e do rio de águas sempre novas da memória da PUC-Rio.

Referências Bibliográficas

- [1] - GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e história.** São Paulo: Companhia das letras, 1987. p. 151.
- [2] - SABURIDO, Dom Antônio Fernando. Carta à Congregação para a Causa dos Santos. **Arquidiocese de Olinda e Recife,** Cúria Metropolitana, Recife, P.1, 2014.
- [3] - BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, Pierre. **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.
- [4] - DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986. p. 15.
- [5] - PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara: o profeta da paz.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 59.
- [6] - *Idem. Ibidem.* p. 60.
- [7] - *Idem. Ibidem.*

- [8] - *Idem. Ibidem.*
- [9] - FACULDADES CATÓLICAS. **Anuário das Faculdades Católicas, 1941.** Rio de Janeiro, 1942. p. 13.
- [10] - PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Op. cit.* p. 61.
- [11] - *Idem. Ibidem.*
- [12] - LIMA, Amoroso Alceu. Obedecendo, **A Ordem**, v.8, n.1, dez. 1928.
- [13] - PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Op. cit.* p. 63.
- [14] - *Idem. Ibidem.* p. 62 - 63.
- [15] - FACULDADES CATÓLICAS. **Registro de Professores e Auxiliares da Administração Escolar.** Rio de Janeiro, 22 fev. 1940, p. 27 - 62. Acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio.
- [16] - SALGADO, Plínio. **Manifesto de outubro de 1932.** São Paulo: Voz do Oeste, 1982. p. 3.
- [17] - PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Op. cit.* p. 76.
- [18] - NEVES, Margarida de Souza; BYINGTON, Silvia Ilg (Orgs.). **PUC-Rio 70 anos.** 1. ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010. v. 01. 236p. p. 16.
- [19] - BRASIL. Constituição (1934). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao34.htm. Acesso em 24 out. 2006.
- [20] - PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Op. cit.* p. 85.
- [21] - *Idem. Ibidem.* p. 103.
- [22] - CAMARA, Helder. O Dom da Escolha. **TV PUC-Rio**, Rio de Janeiro, 2009. Entrevista. Disponível em <http://tvpuc.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=29&sid=6>. Acesso em 30 de jul. 2014.
- [23] - FACULDADES CATÓLICAS. *Op. cit.* p. 8, 12, 27, 31, 38, 42, 46, 49, 62, 92.
- [24] - PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Op. cit.* p. 112.
- [25] - *Idem. Ibidem.* p. 115.
- [26] - *Idem. Ibidem.* p. 135.
- [27] - CAMARA, Helder. Oração do Paraninfo dos Bacharéis e Licenciados na Faculdade de Filosofia. In: FACULDADES CATÓLICAS. **Anuário das Faculdades Católicas, 1944.** Rio de Janeiro, 1945.
- [28] - CASTRO, Flavia de Almeida Viveiros de; CERQUEIRA FILHO, Gisálio. **Igreja, ação e pensamento:** intelectuais católicos entre as décadas de 20 e 40 no Brasil. 1990. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Sociologia e Política, Rio de Janeiro, 1990. p. 19 - 20.

- [29] - CINTRA, Dom Sebastião Leme da Silveira. **Carta Pastoral**. Petrópolis: Vozes, s.d.. p. 66.
- [30] - *Idem. Ibidem.* p. 102.
- [31] - SALEM, Tânia. Do Centro D. Vital à Universidade Católica. In: SCHWARTZMAN, Simon (Org.). **Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro**. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1982. p. 104 - 105.
- [32] - CASALI, Alípio. **Elite intelectual e restauração da Igreja**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 120.
- [33] - SALEM, Tânia. *Op. cit.* p. 101.
- [34] - AZZI, Riolando. O início da Restauração Católica no Brasil (1920–1930). In: **Síntese Política, Econômica e Social (nova fase)**, Belo Horizonte, n. 10, vol. IV, maio-agosto 1977, p. 66.
- [35] - NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU: EDUSP, 1974. p. 59.
- [36] - LIMA, Alceu Amoroso. Novos Estatutos do Centro D. Vital. **A Ordem**, vol. 11, nº11, jan. 1931, p. 53-58.
- [37] - SALEM, Tânia. *Op. cit.* p. 109.
- [38] - *Idem. Ibidem.* p. 98.
- [39] - AZZI, Riolando. **A Vida religiosa no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, 1983. p. 20.
- [40] - CINTRA, Dom Sebastião Leme da Silveira. Carta Pastoral do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro (Legado Pontifício) e dos Arcebispos e Bispos do Brasil por ocasião do Concílio Plenário Brasileiro, Rio, 1939, p. 13.
- [41] - GINZBURG, Carlo. *Op. cit.* p. 149 -150.
- [42] - FACULDADES CATÓLICAS. **Anuário das Faculdades Católicas, 1941-1964**. Rio de Janeiro.